

UMA,
NENHUMA,
CEM MIL
PRAÇAS



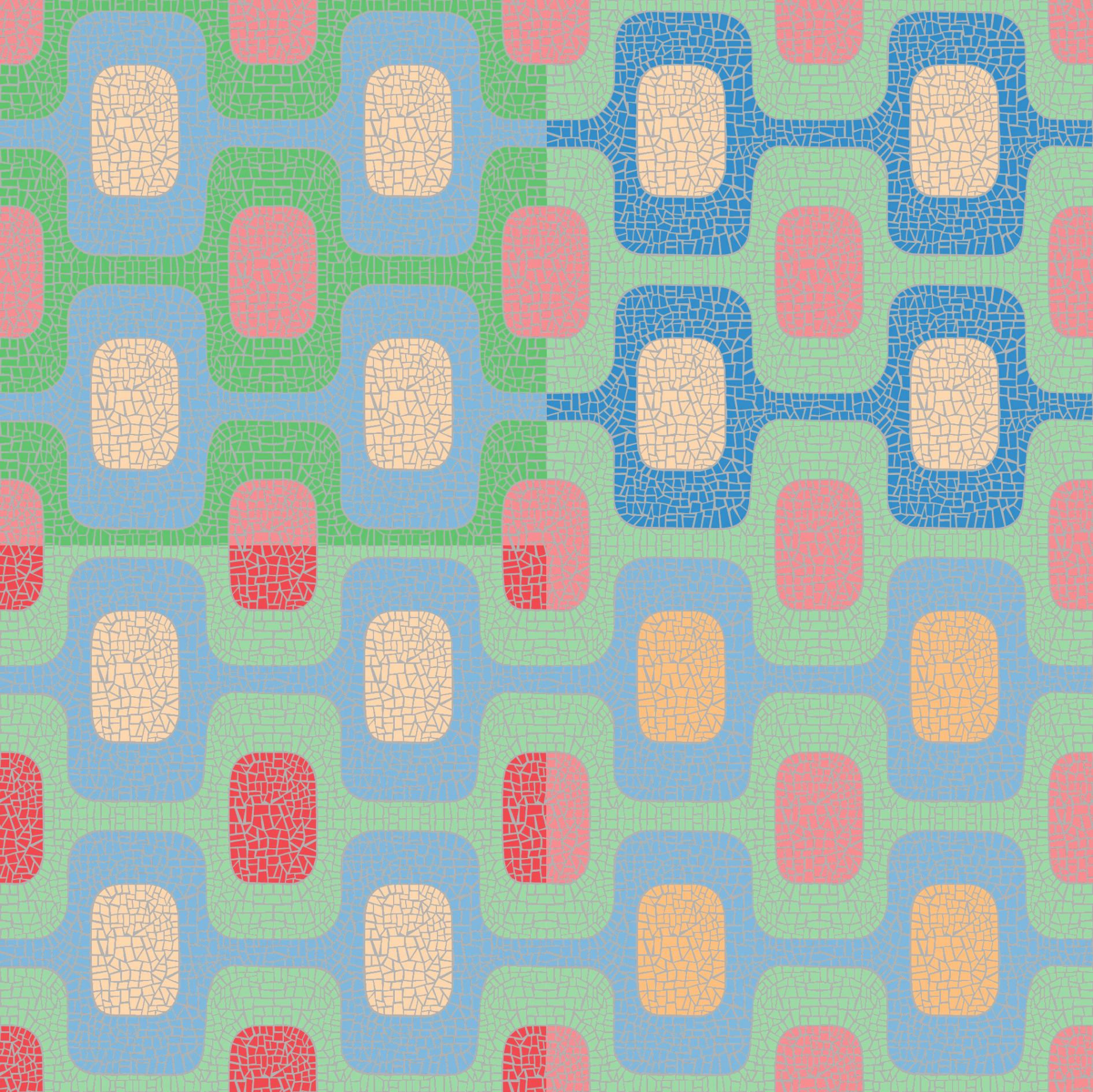
UMA, NENHUMA, CEM MIL PRAÇAS

PAOLO FINALI

Orientadora: Profª Drª. Marta Vieira Bogéa

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
Programa duplo diploma com o Politecnico de Milão

Dezembro de 2021



“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in ‘Las palabras andantes?’ de Eduardo Galeano. publicado por Siglo XXI, 1994.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Marta, pela sua orientação e pelas conversas sempre muito interessantes e estimulantes durante este ano de trabalho em conjunto.

Ao Geômetra Emanuele e à Sra. Adriana, pela curiosidade, disponibilidade e ajuda, na busca pela compreensão das necessidades envolvidas em um lugar que abordei no meu projeto e era, até então, desconhecido para mim.

A Antonio e Irene, que nos últimos meses apoiaram e suportaram todas as minhas ansiedades, medos e dificuldades, dando-me força para completar este projeto, apesar da tristeza compreensível por uma distância temporária.

A todos os meus amigos, que estão sempre ao meu lado apesar dos momentos difíceis e desafiadores, encontrando sempre tempo para enriquecer a minha vida com as experiências que compartilhamos.

Aos meus avós Marco e Marisa, e à minha tia-avó Mirella, porque apesar do sofrimento de ter um neto do outro lado do oceano, durante muitos meses, sempre estiveram por perto apoiando meus sonhos e desejos.

À minha irmã Laura, que com a sua alegria e simpatia, sempre iluminou a minha vida, mostrando o valor de um “cotidiano verdadeiramente compartilhado”.

Aos meus pais, que me dedicam suas vidas e seu amor todos os dias, nunca deixando de apoiar meus sonhos e esta maravilhosa experiência da qual pude desfrutar nos últimos dois anos, sobretudo graças a eles. A vocês, o meu mais sincero amor.

À minha família brasileira, Carlos, Barbara, Roberta, Paola e Pedro, que tornaram possível esta experiência de vida apesar da pandemia e das dificuldades que todos estamos vivendo. Graças a vocês pude continuar a seguir os meus sonhos e conhecer este maravilhoso país que, agora, faz parte da minha vida e que levarei sempre comigo para o futuro.

A todos vocês, meu afeto e minha mais sincera gratidão.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyse the public space as an important meeting point for the citizens’ life quality. I have chosen to study public spaces considered marginalised, degraded, forgotten by their administrations and most of the times distant from the urban centres or the main squares of our “*polis*”. By reflecting on what is really a public urban space, an intervention methodology using recurrent elements and an analysis of this class of intervention design, I placed the basis of my ensuing experimental project. I opted to intervene in two countries, to which I am personally connected, with totally different cultures and social structures. Four intervention locations, two in each country, apparently distant from each other and without any common point, but closely looked at revealing an interesting connection among them. What could possibly be the connection between a square of the medieval town centre, a garbage bin in a shanty town, a pedestrian area in a forgotten outskirts and the outdoor space of an occupation in downtown São Paulo? Totally different public spaces in terms of typology, urban dimension and insertion context. The challenge was to find the kind of intervention that could improve those parts of the city, following the example of spaces of the past designed according to the ideals of harmony, with the human size and proportions. The goal should be to create beautiful places; beautiful in the sense of ancient Greece: “*beautiful and good*”, that is, “*true and ethically correct*”. A better life quality in the urban public spaces would mean enhanced happiness for all.

Keywords: square, leisure, aggregation, green, inhabitants.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o espaço público como um importante ponto de encontro para a qualidade de vida dos cidadãos. Escolhi estudar espaços públicos considerados marginais, degradados, esquecidos pelas suas administrações e muitas vezes distantes dos centros urbanos ou das praças principais da nossa “*polis*”. Através de uma reflexão sobre o que é realmente o espaço público urbano, uma metodologia de intervenção por elementos recorrentes e uma análise dos projetos pertencentes a esta categoria de intervenção, estabeleci as bases para o meu projeto experimental subsequente. Dois países aos quais estou pessoalmente ligado, nos quais optei por intervir, com culturas, tradições e formações sociais totalmente diferentes. Quatro lugares de intervenção, dois para cada país, aparentemente distantes um do outro e sem qualquer ponto em comum, mas que se estudados de perto, revelam uma ligação interessante. Qual pode ser a ligação entre uma pequena praça no centro medieval da cidade, uma lixeira numa favela, uma área para pedestre num subúrbio esquecido e o espaço exterior de uma ocupação no centro de São Paulo? Espaços públicos totalmente diferentes em termos de tipo, dimensão urbana e contexto de inserção. O desafio foi encontrar tipos de intervenções que pudessem melhorar estas partes das cidades seguindo o exemplo dos espaços do passado, projetados através de ideais de harmonia com o tamanho e as proporções humanas. O objetivo, portanto, era criar lugares belos, belos no sentido da Grécia antiga: “*belo e bom*”, ou seja, “*verdadeiro e eticamente correto*”. Uma maior qualidade de vida nos espaços públicos urbanos significaria maior felicidade para todos.

Palavras-chave: praça, lazer, agregação, verde, moradores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O ESPAÇO PÚBLICO E SEUS ELEMENTOS RECORRENTES	18
1.1 O QUE É O ESPAÇO PÚBLICO E POR QUE FUNCIONA?	19
1.2 QUAIS SÃO OS ELEMENTOS RECORRENTES QUE O DEFINEM?	23
2. O ESPAÇO PÚBLICO POTENCIALIZADO: REFERÊNCIAS DE PROJETOS E INSTALAÇÕES	30
2.1 ESTUDOS DE CASO QUE FUNCIONAM EM CONTEXTOS SEMELHANTES	31
2.2 ESCOLHA DE QUATRO ESPAÇOS PÚBLICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS EXPERIMENTAIS	43
3. PRAÇA LAURO ROSSI, MACERATA, ITÁLIA	46
3.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR	47
3.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO	51
4. FAZENDINHA BAIRRO JARDIM COLOMBO, SÃO PAULO, BRASIL	56
4.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR	57
4.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO	61
5. “LA PIASTRA” BAIRRO GRATOSOGLIO, MILÃO, ITÁLIA	66
5.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR	67
5.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO	71
6. OCUPAÇÃO 9 DE JULHO, SÃO PAULO, BRASIL	76
6.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR	77
6.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89



INTRODUÇÃO

Há inúmeros tipos de espaços públicos. Alguns deles distinguem-se em termos de morfologia e função, outros em função de sua localização territorial. Para além desses aspectos, contudo, sempre que tentamos entender o que é o espaço público, enfrentamos um desafio: o fato de que o próprio conceito de espaço público está em constante mudança e evolução ao longo do tempo.

Quando temos em mente o espaço público urbano, podemos observar esse mesmo desafio, de um lugar que não se constrói apenas na sua relação com a geografia, mas também com a sua história e entorno sociocultural.

Neste trabalho, pretendo estudar espaços públicos especiais: aqueles que são considerados marginais, degradados, esquecidos pelas suas administrações e muitas vezes distantes dos centros urbanos ou das praças principais da nossa “*polis*”.

A ideia dessa pesquisa vem de um paralelismo e de uma semelhança que percebi, ao longo de minha trajetória como estudante de arquitetura, entre a cidade medieval e o subúrbio italiano, e as favelas e as ocupações brasileiras. Muitos são os pontos comuns que unem esses quatro mundos, aparentemente distintos e distantes.

No início de minha pesquisa, o que me levou a aproximar estes universos foi uma percepção pessoal e subjetiva sobre algumas similaridades morfológicas e estéticas entre esses espaços. Contudo, ao longo do tempo percebi outros pontos de conexão, relacionados a aspectos históricos e de sociabilidade.

Gostaria de esclarecer que também existem muitas diferenças que nos permitem compreender melhor esses quatro tipos de desenvolvimento em nossas cidades. O paralelismo, portanto, não se baseia em uma visão mais romântica dessas tipologias urbanas, mas atenta para problemas que foram superados no passado, mas retornam e persistem ainda hoje.

Uma das características comuns, a partir da qual

parte minha reflexão é precisamente a falta de espaços públicos abertos, planejados e estruturados para atender às demandas da comunidade. Esta carência é perceptível nestes quatro espaços que foram estudados e com os quais pretendo contribuir com uma proposta pontual de intervenção e potencialização.

Para a realização desses projetos, reuni uma variedade de estudos de caso que contribuem para a minha reflexão sobre o espaço urbano. Meu intuito foi entender as possibilidades destes quatro espaços que, apesar de marginalizados, possuem diferentes acepções. As intervenções ocorrem em quatro sítios, dois deles na Itália e dois deles em São Paulo, no Brasil. Dois são locais consagrados do ponto de vista histórico, a praça “*Lauro Rossi*” e a “*Ocupação 9 de Julho*”, e dois ocorrem em locais não centrais, “*Fazendinha*” e a praça “*La Piastra*”. A intervenção tem como premissa contribuir através do projeto e do reconhecimento de certos elementos recorrentes (com materialidade e forma singular e distinta em relação a cada contexto) para potencializar usos das comunidades, nos dois casos brasileiros existem outras intervenções e propostas em curso no caso italiano as praças não estão, a meu ver, utilizadas em todo o seu potencial.

O que une esses quatro lugares é minha interpretação pessoal a respeito da vontade de suas comunidades de se reapropriarem destes espaços públicos urbanos, a partir de sua experiência cotidiana. Esta vontade provavelmente expandiu-se e renasceu em muitos indivíduos após a pandemia do Covid-19, quando se tornou ainda mais forte o desejo de explorar e utilizar os espaços adjacentes às nossas casas, administrando-os e valorizando-os sem discriminação por conta de sua localização na cidade.

De fato, é preciso combater a ideia de que alguns espaços são menos importantes devido a seu enquadramento econômico e riqueza material. O contexto

histórico e de pandemia nos permitiu, mais uma vez, compreender a necessidade de um espaço domiciliar confortável e adequado, tanto para o lazer e desfrute do tempo livre, como dos espaços de socialização, sobretudo os locais de convívio.

Por isso cabe destacar que a realização desta pesquisa coincidiu com a pandemia do Covid-19¹, que atingiu de maneira muito violenta ambos os países abordados no trabalho. Tal realidade, tornou a realização destes projetos ainda mais desafiadora, exigindo grande esforço para o reconhecimento dessas comunidades, suas demandas e possibilidades de intervenção.

Concluída esta breve introdução, explico a escolha do título desta pesquisa. Trata-se de uma citação de uma obra literária italiana do escritor e poeta Luigi Pirandello intitulada: *“Uno, nessuno e centomila”*². Por meio da história de seu protagonista, este romance propõe ao leitor uma reflexão sobre a consciência humana, mostrando que a realidade não é objetiva. Nele, o personagem da história começa considerando-se único perante os olhos dos outros (*Um*), depois, passa a conceber que talvez não seja nada (*Nenhum*), até que finalmente descobre suas diferentes facetas, entendendo que na verdade pode ser muitos (*Cem mil*). Desse modo, a realidade perde sua objetividade e se desintegra no vórtice infinito do relativismo.

Segundo a concepção de vida do autor, nosso nome falsifica e aprisiona a realidade em formas imutáveis, o que de certo modo é uma ameaça à própria vida enquanto devir ou potência inventiva.

Essa filosofia de vida acompanha-me desde que li este romance e acredito que ela se relaciona a diferentes contextos, entre os quais o da própria arquitetura. Não existe um ideal de praça ou espaço público,

1 Este trabalho começou no início de 2021, com a pandemia já em curso.

2 Tradução em português: *“Um, nenhum e cem mil”*.

assim como nem todos os projetos funcionam em qualquer contexto geográfico e mesmo histórico.

Assim como a vida, acredito que a arquitetura e as nossas cidades são também uma evolução contínua feita de adaptação, resiliência e força criativa.

Os quatro casos apresentados neste trabalho são apenas uma pequena parte da vastidão dos exemplos presentes nas nossas cidades e têm o propósito único de ser uma ilustração sobre como uma boa metodologia de intervenção pode potencializar estes locais com algumas ações bem definidas. Tudo o que estava presente nesses espaços e era considerado funcional não foi modificado, ou seja, o que procurei fazer foi um exercício de adição de alguns elementos e fortalecimento das características originais desses espaços. Desse modo, os projetos apresentados nesta obra não pretendem distorcer esses espaços, mas simplesmente melhorá-los por meio do desenho e estudo do seu estado atual.

Do ponto de vista estrutural, esta pesquisa está organizada em seis capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à investigação teórica, e os outros quatro direcionados a projetos de potencialização dos espaços descritos acima.

No primeiro capítulo procurei analisar, a partir de uma perspectiva histórica, o que define um espaço público, como ele é organizado e vivenciado na sua tipologia, bem como seus elementos principais. No segundo capítulo, reuni alguns exemplos e referências de projetos e instalações que envolvem intervenções interessantes no espaço público, indicando na sequência os critérios de escolha para os quatro espaços que serão trabalhados no meu projeto experimental. Estes espaços e seus respectivos projetos são apresentados no terceiro, quarto, quinto e sexto capítulos do trabalho, a partir de uma contextualização seguida de sua proposta de intervenção e potencialização.



1. O ESPAÇO PÚBLICO E SEUS ELEMENTOS RECORRENTES

1.1 O QUE É O ESPAÇO PÚBLICO E POR QUE FUNCIONA?

“Con l’espressione spazio pubblico si intende in prima istanza quell’insieme di strade, piazze, piazzali, slarghi, parchi, giardini, parcheggi che separano edifici o gruppi di edifici nel momento stesso in cui li mettono in relazione tra di loro. Si tratta di un sistema di vuoti urbani di diverse forme e di dimensioni anch’esse variabili che rappresentano, per così dire, il negativo del costruito.”³

Como podemos deduzir a partir desta simples definição inicial, existem vários tipos de espaço público ao ar livre em nossas cidades, alguns que diferem um do outro, outros mais semelhantes.

Historicamente, se pensarmos nos espaços públicos do passado, muitas vezes a tipologia que usamos é a da praça. Desde os tempos antigos, temos testemunhos deste espaço público, como, por exemplo, a ágora na Grécia antiga e o fórum no planejamento urbano romano. Esses espaços foram considerados o centro da vida econômica da cidade e do encontro dos cidadãos que reuniam no seu interior uma ou mais das três funções históricas da praça: *política* (comícios, parlamentos), *comercial* (feiras, mercados), *religiosa* (procissões, representações sagradas, cemitérios). Sempre houve, portanto, um espaço público adjacente a praça que tivesse uma função muito importante dentro da cidade. O planejamento urbano medieval parece ter sido o que mais definiu claramente essa tripartição da praça por meio de uma especialização desses espaços. Se o planejamento urbano romano se contentava em separar no interior das cidades a função civil-política da praça daquela comercial, distinguindo assim o “*fórum civil*” do “*fórum venal*”; a Idade Média definiu claramente

essa distinção da praça de acordo com seu tipo. Assim nasceram a praça da *Prefeitura* (política), a praça do *Mercado* (comercial) e a praça da *Catedral* (religiosa). Entretanto, nem sempre foi assim no período medieval.

No início, de fato, as cidades medievais tinham que renunciar às praças por falta de área; o terreno no interior da cidade era muito valioso e os mercados eram originalmente colocados nas postas das muralhas perimetrais por falta de espaço. Inicialmente, as antigas praças e os antigos fóruns pré-existentes foram eliminados.

Isso me levou a refletir sobre como efetivamente também nas favelas brasileiras os espaços são tão importantes e preciosos para serem deixados vazios em benefício de praças públicas; e como toda a área disponível é explorada ao máximo, mesmo sob risco de construir em áreas geologicamente inseguras e com proibição de construção.

No decorrer da história, no entanto, essa primeira tripartição foi perdida, criando novas distinções desses ambientes e perdendo completamente, no século passado, o significado original de praça. Criou-se, assim, o conceito de largo ou espaço aberto, mais simples, sem uma clara distinção de sua função e muitas vezes aberto ao tráfego de travessia.

Acredito, no entanto, que seja necessário que na nos reapropriarmos, na atualidade, do antigo significado de praça como ambiente bem definido, criando uma nova tripartição de definição de nossos espaços públicos hoje. Foi assim que nasceram a praça de *Circulação*, a praça de *Utilidade* e a praça de *Convívio*. A praça de *Circulação*, mais do que propriamente uma praça, seria mais correto defini-la como um nó de tráfego, na medida que tem a função de desatá-lo

³ Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/>, acesso em novembro de 2021.

e muitas vezes contém importantes cruzamentos rodoviários no seu interior. Ressalta-se que é muito importante evitar o posicionamento de prédios públicos ao redor desses vazios urbanos, pois são inadequados para a gestão dessas duas funções tão diferentes.

A praça de *Utilidades*, em vez disso, responde a requisitos bem definidos, entre os quais o acesso fácil ao edifício principal daquele espaço, a possibilidade de estacionar inúmeros veículos sem prejudicar a fluidez do tráfego e um deslocamento rápido, quase instantâneo, no seu interior. Muitas vezes são praças adjacentes às artérias de tráfego, mas bem destacadas e definidas em relação a elas, delimitando assim espaços mais “*fechados*” do que os nós de tráfego muito mais “*abertos*”. Estas são, portanto, as praças mais próximas dos antigos princípios medievais do espaço público e da tripartição mais histórica, já que têm no seu interior um edifício principal com uma função bem definida, bem como, obviamente, outros edifícios secundários ao seu redor.

Por fim, a praça de *Convívio* é um tipo de praça que também é bem definida e com requisitos específicos, incluindo as de descanso, reunião, café, panorama ou cerimônia. Muitas vezes são praças na orla do mar ou do lago, praças panorâmicas ou circundadas por pórticos, todas projetadas como se fossem verdadeiras salas de estar para permitir que as pessoas parem por um tempo nesses locais socializando e conversando em companhia.

A partir dessa distinção mais moderna, poder-se-ia, portanto, deduzir como o planejamento urbano contemporâneo aconselha a separar as várias funções desses espaços públicos em um número maior de praças distintas entre si ou por meio de um sistema de praças, assim como aconteceu na Idade Média e como o planejamento urbano medieval nos legou e nos ensinou.

Também existem, hoje, outros tipos de espaços

públicos com finalidades muito específicas para definirem sua existência nesses locais; entre eles podemos citar, por exemplo, grandes gramados e campos, praças muito amplas e arenas, todos com o objetivo de conter no seu interior grandes concentrações de pessoas por diferentes razões e motivos, mas necessárias para a vida de nossas cidades.

No entanto, há outro tipo de espaço público sobre o qual gostaria de me deter e que tem mais a ver com a minha pesquisa: a do parque público dentro de nossas cidades.

Na Idade Média, o parque era essencialmente uma terra, cultivada ou não, anexada a um castelo com a função de reserva de caça.

Na Renascença, então, o parque assumiu uma função, além daquela de embelezamento, também de utilidade prática, uma vez que muitas vezes continha edifícios destinados a diversos serviços, como, por exemplo, os de criação de animais de caça, estábulos para cavalos e outros animais domésticos, estufas ou casas de funcionários; por isso, tinha um uso seja prático que ornamental.

Ao contrário da praça, o parque público não tem sua própria história antiga e seu nascimento é muito mais recente. Isso porque as cidades até cerca de dois séculos atrás eram pequenas em tamanho e as áreas naturais eram muito vastas fora delas. As poucas áreas verdes no interior do espaço urbano tinham principalmente função prática e de necessidade conforme acima relatado.

Temos que esperar apenas pelo século XIX para ter as primeiras realizações de parques públicos como hoje compreendemos, ou como um vasto gramado e área de jardim, destinados ao lazer e à caminhada.

No entanto, há também aqui várias distinções de parque, com funções internas totalmente diferentes umas das outras, mas todas unidas por serem áreas verdes, mais ou menos grandes, sem tráfego e sem nenhuma das características da praça contadas

acima. Entre as funções dentro dessas áreas verdes podemos encontrar praças de lazer infantis, campos esportivos, pavilhões para cafés e restaurantes, quiosques e recintos para audições e espetáculos ao ar livre; tudo além das facilidades necessárias para o próprio parque, como estufas, viveiros, depósitos de materiais e ferramentas, habitações do pessoal de serviço e de vigilância.

No entanto, gostaria de destacar um aspecto importante desses espaços públicos, ou seja, a total separação do parque público em relação ao tráfego e ao trânsito de veículos. Isso nem sempre acontece e na história houve vários experimentos nesse sentido, incluindo o da praça-jardim com tráfego marginal. O planejamento urbano moderno condena esse tipo de espaço público, pois tem-se mostrado inseguro e contrário às normas sanitárias; os parques públicos, na verdade, não deveriam ser destinados ao estacionamento e trânsito de veículos, mas permanecer bem distintos e separados dessa função de movimento no interior do espaço urbano.

Por isso, acredito que é necessária neste ponto do capítulo uma distinção muito importante entre essas duas tipologias diferentes de espaço público: a praça e o parque.

A primeira é um espaço livre urbano, limitado por edifícios, muitas vezes ligada à função histórica de encontro dos cidadãos no interior deste local. Por isso, possui forte vínculo com o entorno e com a circulação urbana presente naquela área, incluindo a vida cotidiana de seus habitantes.

O segundo é, ao contrário, um terreno com árvores plantadas e áreas de gramado ou jardim, frequentemente destinado à recreação e caminhada. A concepção deste lugar é muitas vezes caracterizada pela pretensão de trazer para o interior do espaço urbano um ambiente natural ligeiramente adaptado para nossas cidades. O objetivo seria de escape e isolamento destas últimas, fugindo momentaneamente

de sua vida característica.

Por essas razões, é importante que essas duas tipologias urbanas não se confundam, mas sejam bem distinguidas para garantir o bom funcionamento de ambas no interior de nossas cidades.

Creio ter sido importante falar dos diferenciais dessas duas tipologias de espaço público porque no decorrer do meu trabalho eles me ajudaram a desenvolvê-lo, e a pensar e projetar os vazios urbanos a seguir selecionados. Citando Franco Purini, é importante entender a importância desses vazios urbanos no interior de nossas cidades; ele mesmo escreve: “*In un certo senso gli spazi sono come le pause silenziose che strutturano una composizione musicale, o come i distanziamenti tra le parole senza i quali uno scritto o un discorso non sarebbero comprensibili. La dialettica tra la compattezza del costruito e la sua rarefazione materializzata nella piazza è dunque al centro della stessa idea di forma urbis come sintesi orientata e simbolica di pieni e vuoti nella quale il tracciato come scrittura terrestre trova la sua necessità, la sua misura e il suo senso.*”⁴

O funcionamento dos espaços públicos urbanos é altamente dependente, como vimos até agora, de diversas questões, inclusive algumas acima referidas, mas há outra questão muito importante relacionada ao seu funcionamento e que gostaria de mencionar: o papel do Estado e o valor afetivo que, em alguns casos, esses espaços públicos criam.

4 Dina Nencini, “*La piazza. Significati e ragioni nell’architettura italiana*”, Marinotti, Milão, 20 de setembro de 2012; introdução por Fanco Purini, página 08.

Tradução livre: “*Em certo sentido, os espaços são como as pausas silenciosas que estruturam uma composição musical, ou como as separações entre as palavras sem as quais uma escrita ou um discurso não seriam compreensíveis. A dialética entre a compactação do construído e sua rarefação materializada na praça está, portanto, no centro da mesma ideia de forma urbis como uma síntese orientada e simbólica de espaços cheios e vazios na qual o traçado como escrita terrestre encontra sua necessidade, sua medida e seu significado.*”

Para um espaço público urbano funcional é necessário um pacto por parte do Estado assumindo a responsabilidade pela gestão e manutenção desse mesmo espaço, de tal forma que o arquiteto se torne o mediador em relação aos seus habitantes. Na ausência desse pacto, o projeto do espaço público por si só não seria suficiente para garantir sua eficácia e o consequente sucesso de um qualquer projeto urbano. Por essas razões, minha pesquisa não tem a pretensão de resolver esses lugares por meio do uso exclusivo do desenho, mas simplesmente quer investigar as metodologias morfológicas e projetuais por meio das quais possa melhor intervir nos locais escolhidos como exemplos experimentais. Deve-se ter presente que, para sua implementação, é necessário um trabalho muito mais específico e profundo, mas que, por razões acadêmicas e pandêmicas, não foi possível implementar neste trabalho.

Gostaria também de acrescentar, no entanto, que existem contextos particulares, esquecidos e abandonados pelo próprio Estado, para os quais o sucesso de um espaço público está fortemente ligado ao valor afetivo e ao uso que os próprios habitantes experimentam em relação a ele. Isso porque, na ausência de intervenção do Estado, e às vezes, mesmo que o próprio Estado intervenha, há um tema importante para o qual o espaço público é fortemente dependente do seu funcionamento e sucesso na cidade: o tema da sensação de segurança no seu interior.

Penso que seja muito importante que o espaço público urbano combata a impressão ancestral do perigo ligado a ambientes abertos e descobertos.

Esse sentimento de segurança, assegurado sobretudo pela possibilidade de mensuração e delimitação do espaço público, faz com que nas cidades nos sintamos protegidos de riscos e imprevistos. Essa sensação de estar protegidos – que pode, no entanto, ser desmentida repentinamente em certas ocasiões – está provavelmente ligada a um princípio de so-

berania, para o qual aqueles que frequentam esse espaço público estão de alguma forma convencidos de que são idealmente donos das ruas e praças, como se elas fossem uma projeção mental daqueles que as estão percorrendo e atravessando.

Isto significa que o sucesso de um espaço público seja também fortemente dependente de uma questão de acessibilidade, visto que não só está aberto a todos, mas também está ligado à qualidade de como essa acessibilidade é realizada.

Acredito que não seja fácil identificar em poucas palavras o que é o espaço público e por que às vezes funciona e às vezes não e, neste primeiro capítulo, quis tentar responder a essas duas grandes questões iniciais. Entretanto, espero que este texto possa servir, não só para trazer respostas definitivas e absolutas, mas também como uma provocação para uma reflexão posterior mais ampla sobre o assunto.

1.2 QUAIS SÃO OS ELEMENTOS RECORRENTES QUE O DEFINEM?

Não foi fácil tentar responder a esta pergunta e saber com certeza quais são os elementos recorrentes que definem um espaço público. De fato, não podemos reduzi-lo a um conjunto específico de elementos, visto que nem sempre encontraremos todos eles em todos os lugares. Tal dificuldade é evidente quando considerarmos todos os diferentes tipos de espaço público urbano que conhecemos e que definimos na primeira parte deste capítulo.

Esta pesquisa foi em consequência mais propriamente subjetiva e pessoal e não quer ter um caráter de encerramento para novas reflexões. O que eu queria fazer era simplesmente identificar alguns poucos elementos simples, que considere principais por várias razões que explicarei a seguir, e recolhê-los todos em uma espécie de legenda dos elementos de um espaço público urbano. Claramente outros elementos podem ser encontrados e não está dito que é sempre correto usar cada um deles em todo e qualquer lugar. Mas identificar e coletar esses elementos serviu-me muito como base de abordagem à análise preliminar, com relação àqueles que já estavam presentes em cada lugar, e então ao projeto, tentando tornar meus espaços públicos mais completos, na minha opinião, carentes de possibilidades de serem vivenciados. Este trabalho serviu-me, portanto, como um método de projeto e foi um dos elementos que ao mesmo tempo permitiu de um lado unificar esses quatro lugares e, de outro, ressaltar suas diferenças.

Gostaria de salientar, no entanto, que a utilização destes elementos não foi o único método de abordagem utilizados nos meus projetos experimentais. A ideia de usar esses elementos nasceu de questões simples, entre as quais: é possível pensar no design de espaços públicos urbanos totalmente diferentes uns dos outros por meio de um método principal de

abordagem e projeto?; existem elementos projetuais que, repetidos de diferentes formas, podem se tornar um método de projeção para a maioria dos espaços públicos urbanos?

Obviamente, o resultado da escolha desses elementos deve ser analisado, o que subjetivamente não deve faltar para o máximo proveito de um espaço público urbano e que, sempre na minha opinião pessoal, poderia melhorar o uso dessas tipologias de espaços selecionados por mim e, consequentemente, a qualidade da vida pública urbana. Para isso, gostaria de salientar que os dois tipos de espaço público urbano em que esses elementos poderiam funcionar na maior parte das vezes são a praça e o parque. Cada elemento requer, então, um raciocínio aprofundado e singular para cada contextualização e estudo de caso no qual seu uso seria proposto.

Por esta série de razões eu escolhi dar a esses elementos um caráter primitivo como tal e é por isso que em seu simbolismo eu escolhi uma representação tão antiga quanto possível e relacionada com seus usos no passado. Isto é para dar uma sensação de elemento ainda não bem definido que posteriormente, no curso da história, tem recebido múltiplos usos e tipologias, que ainda estão em constante evolução com o tempo. Mas não há apenas um fator histórico-temporal nessa escolha, mas também um fator de uso diferente desses elementos. Estou convencido de que não é a mesma coisa usar um desses elementos primitivos dentro de uma cidade histórica de origem medieval ou usá-lo no interior de uma favela. Esta é uma das razões pelas quais em meus experimentos projetuais esses elementos muitas vezes assumirão diferentes conotações.

Seguindo essa premissa, agora posso apresentar os

oitos elementos que reuni e selecionei para esta pesquisa, listando-os abaixo: água, verde, banco, sombra, escada, piso, jogo e coleta de lixo.

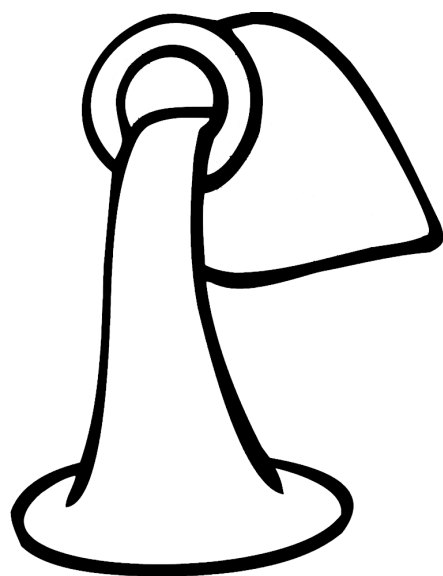
ÁGUA

O primeiro elemento que selecionei é a água e, segundo a cosmogonia, um dos quatro elementos naturais fundamentais para o equilíbrio do homem. Desde a antiguidade, a água sempre desempenhou um papel fundamental nos espaços públicos urbanos, tanto em um nível prático e de uso, quanto em um nível estético. Existem muitas maneiras de encontrar esse elemento, mas podemos resumir seu uso por meio do bebedouro ou da bica, para permitir que as pessoas bebam, e a fonte ou jogos de água para fins puramente estéticos. Há inúmeros exemplos de praças antigas e modernas que fizeram da fonte um monumento e um ponto focal em relação a esse espaço, bem como as fontes mais artísticas e criativas do século passado, verdadeiros jogos de água. Mas em muitos locais públicos também podemos encontrar pontos públicos em que se possa beber água potável e, em alguns casos, esse elemento assume significados de higiene e saúde para as pessoas que habitam esses espaços. Na antiguidade, por exemplo, a água dos tanques era utilizada pelas lavadoras como pontos de lavagem e higiene de roupas e tecidos, e ao redor desses pontos atraentes uma verdadeira arquitetura foi edificada com esse propósito, que por sua vez os tornou pontos centrais desses espaços públicos urbanos.

Obviamente o uso da água nem sempre é inteligente e em alguns casos por motivos de má qualidade é altamente desencorajado; certamente depende muito do tipo de uso que se fará naquele lugar. Além disso, gostaria de ressaltar que para fontes e jogos de água é inteligente criar um sistema contínuo de reciclagem e reutilização da própria água para evitar desperdícios. Quanto às fontes e áreas com água

potável, seria melhor se a água não fosse a fluxo contínuo, mas tivesse um sistema de acionamento que só pode ser ativado quando houver efetiva necessidade, isso sempre para evitar desperdício desse bem primário.

Escolhi como símbolo para este primeiro elemento uma ânfora com água transbordante. Considero a ânfora como um antigo símbolo de coleta deste elemento e é por isso que foi escolhido.

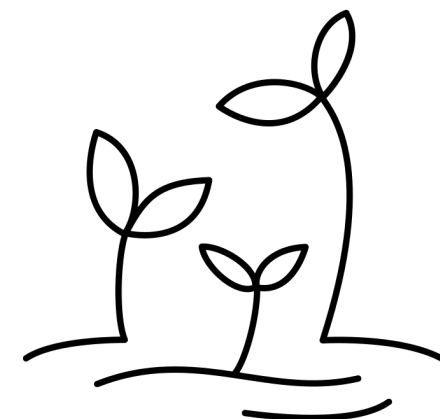


VERDE

O segundo elemento que selecionei é o verde no significado mais geral e completo do termo. Na verdade, há muitas maneiras de usar o verde no interior de nossas cidades, desde o menor canteiro até verdadeiros parques urbanos. Esse elemento provavelmente entra em nossa concepção de espaço público muito mais recentemente do que outros elementos desta seleção. Na antiguidade, na verdade, não havia

necessidade de trazer esse elemento natural para o interior das cidades, mas bastava deixar o perímetro urbano para apreciá-lo amplamente. Com o tempo, porém, descobriu-se que a cor verde transmite frescor, segurança, equilíbrio e tranquilidade ao homem. Creio que essas propriedades afetem notavelmente o bem-estar das pessoas e notei como o verde muda a percepção que temos de um espaço. Se experimentarmos caminhar em uma área urbana altamente construída e sem a presença de vegetação ou elementos naturais, provavelmente perceberemos esses espaços como tristes ou desolados. Se, por outro lado, houver elementos naturais ou plantas, esse mesmo espaço parecerá imediatamente mais agradável e teremos uma maior sensação de paz dentro de nós. Essas são algumas das razões pelas quais eu acho que é muito importante ter vegetação dentro de nossos espaços públicos urbanos. Como já mencionado anteriormente, existem inúmeras tipologias de verde que podem ser usadas no interior de nossas cidades, mas podemos distingui-las em duas principais: verde com finalidade estética e verde com finalidade prática. Como já suficientemente explicado, fica claro porque o verde é frequentemente usado no interior de nossas cidades com um propósito estético; mas é importante saber que o verde também pode ser usado com propósitos práticos. Um dos usos mais comuns para esse tipo de verde é o da horta urbana para produção de alimentos e plantas usados pelo homem para comer; há ainda outros usos práticos como propósitos educativos ou o verde como ambiente para brincar e lazer.

Escolhi como símbolo para este segundo elemento o broto representando o nascimento do verde e ainda não bem definido, a fim de deixar a imaginação livre sobre como esse elemento será usado e aplicado, dependendo do lugar e do contexto.



BANCO

O terceiro elemento que selecionei é o do assento e da necessidade humana de sentar-se e descansar em alguns locais públicos de socialização e relaxamento. Também para o assento, obviamente, há muitas tipologias, desde as mais clássicas e históricas até as mais alternativas e engenhosas. Às vezes, o assento não é mesmo um elemento em si próprio e independente, mas é incorporado em sua criação a outros elementos com funções alternativas; mesmo um piso pode se tornar um assento para uma pessoa. Existem muitos materiais com os quais um assento pode ser produzido e entre os principais encontramos a pedra e a madeira. Acho curioso como esses dois elementos, em contextos naturais, podem ser usados tranquilamente pelo homem como assentos improvisados, como uma pedra ou uma rocha, ou como um tronco de árvore cortado ou deitado no chão. Penso que o posicionamento desses assentos no interior de um espaço público também é muito importante para este elemento. Um sistema de assentos pode simultaneamente criar socialização e um senso de envolvimento no interior de um espaço, assim como poderia criar inconvenientes e desconforto se não for pensado e projetado da maneira correta.

Escolhi como símbolo para este terceiro elemento um tronco de árvore caído no chão porque representa para mim um assento primitivo usado pelo homem e pode, dependendo dos casos e contextos, variar em forma, material e tipologia de criação do próprio assento.



SOMBRA

O quarto elemento que selecionei é o da sombra e, em algumas circunstâncias e situações, a exigência do homem em sua busca e posterior uso. Acredito que este é um dos elementos mais difíceis selecionados por mim em seu controle e gestão, pois não é tangível e nem mesmo estático. Este elemento está fortemente ligado à luz, em consequência de se estar em espaços abertos ao sol; ele está presente apenas em parte do dia inteiro; às vezes, mesmo durante o dia, por razões meteorológicas, não está presente em nossos ambientes; ao longo do ano, este elemento nem sempre é exigido pelas pessoas, dependendo das estações e temperaturas, da mesma forma que, outras vezes, é bem-vindo e de fato procurado. Em contextos densamente construídos, a sombra está presente em espaços públicos por meio dos edifícios ao redor e se move no interior desses ambientes durante o dia. Outras vezes é produzida por elementos naturais, como árvores e vegetação, ou por elementos artificiais, mas que não tinham o propósito

de reproduzi-la ou disponibilizá-la aos habitantes graças a eles. Finalmente, por razões de necessidade, pode ser buscada por meio de elementos artificiais especialmente projetados e produzidos para este fim, como marquises, platibandas, pérgolas, toldos, guarda-sóis ou tendas. Também para esses elementos artificiais os materiais e as tipologias de criação e uso são variadas e abertas às formas mais criativas de arte.

Escolhi como símbolo para este quarto elemento uma representação de uma pessoa que reproduz sua própria sombra no chão. Acredito que não haja nada mais primitivo do que ele em relação a esse elemento; nós mesmos produzimos pela primeira vez a sombra por meio de nossa presença no espaço, um conceito ao mesmo tempo filosófico e poético, em minha opinião.

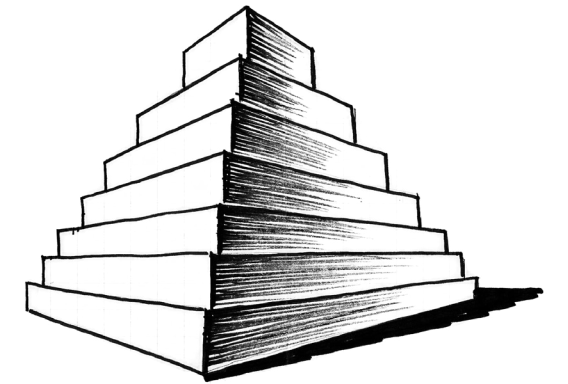


ESCADA

O quinto elemento que selecionei é o da escala e o conceito de desnivelamento frequentemente presente em nossos espaços públicos urbanos. Muitas vezes a escada é um simples elemento funcional de gestão e superação de um desnível precisamente

no interior de um ambiente. Mas a história nos deu alguns exemplos maravilhosos de escadarias dentro de espaços públicos que se tornaram famosas por sua beleza, forma e criatividade. Desde a antiguidade, templos gregos ou romanos eram elevados e acessíveis por meio de escadarias ou arquibancadas, e até mesmo os antigos altares frequentemente tinham esse elemento em sua base. Seu uso imediatamente assumiu um importante significado simbólico, tornando-se, com o tempo, o principal símbolo com o qual se descreve o processo de crescimento humano e a ascensão progressiva na identificação do eu. Indo além dos espaços públicos, tanto na arquitetura quanto nas artes, a escadaria sempre inspirou a criatividade e imaginação de muitos artistas, sendo um elemento fascinante aos nossos olhos. Acredito que a escadaria no interior do espaço público pode assumir um significado principal combinado com significados secundários: o primeiro é o da passagem e superação de um desnível, enquanto os outros assumem um significado alternativo e funcional dependendo de sua criação e forma. O que são arquibancadas onde as pessoas podem sentar-se e ficar de pé se não uma escada de maior tamanho e proporções? Aqui, portanto, está uma das possíveis funções que esse elemento poderia obviamente assumir com a possibilidade de que uma única escada contenha em si, além da função principal, simultaneamente também as outras. Uma escadaria aos olhos de uma criança, e não apenas, poderia assumir a função de brinquedo e lazer, por meio de sua forma intrigante e divertida.

Escolhi como símbolo para este quinto elemento uma pirâmide em degraus como um símbolo antigo e pelas razões dadas acima. Foram aquelas, na minha opinião, as primeiras grandes escadas primitivas que tinham como função e ideologia a de unir o divino ao chão, tentando assim aproximar o homem do céu e de seu imaginário histórico.

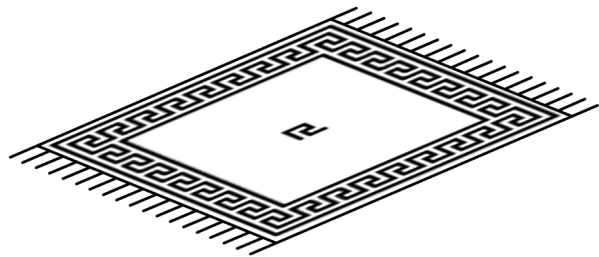


PISO

O sexto elemento que selecionei é o piso e aquilo que está na base dos nossos espaços públicos urbanos. Existem múltiplas tipologias de piso e os materiais com os quais eles podem ser produzidos são igualmente numerosos. Desde a antiguidade, os pisos também eram um enfeite e um aprimoramento dos lugares onde eram colocados, provavelmente isso era mais comum em habitações privadas do que em locais públicos, mas com a passagem dos séculos, mesmo os pavimentos externos gradualmente adquiriram valor e importância. Inicialmente na Idade Média, mas creio que sobretudo no Renascimento então, os pisos começaram a ser compostos de diferentes materiais no interior dos mesmos espaços públicos urbanos. Por meio dos diferentes tipos de material, textura, cor e acima de tudo assentamento foi possível criar alinhamentos, divisões no interior do mesmo espaço e, sobretudo, dar centralidade ou direcionalidade, dependendo da percepção buscada e solicitada. O objetivo do Renascimento era resgatar tudo o que se relacionasse ao espaço às formas simétricas e de perspectiva, levando assim a concepções complexas e originais; para alcançar esse objetivo o piso ajudou muito e seu uso evoluiu muito durante essa época.

Infelizmente, creio que o uso inteligente do piso seja ainda hoje, por vezes, subestimado e não valorizado como mereceria. Como alguns exemplos da história nos ensinam, é possível definir um espaço e condicionar sua própria utilização com recurso exclusivo do piso, variando a prioridade de algumas áreas mais do que outras, todas sempre contidas em um único espaço público urbano. Muitas vezes o piso também se torna um estímulo à brincadeira e é possível por meio dele dar criatividade às formas artísticas mais originais. Gostaria também de enfatizar a importância do piso no interior, por exemplo, de um parque ou em seu encontro com agentes atmosféricos e meteorológicos. Desse ponto de vista, a inteligência e a tecnologia aplicadas ao piso tornam-se fundamentais para evitar transtornos e tornar esses lugares inabitáveis em alguns momentos.

Escolhi como símbolo para este sexto elemento um tapete com uma moldura composta por gregas antigas. Como um todo, obviamente, para dar uma ideia de piso primitivo e antigo, mas há uma explicação pela qual eu escolhi a imagem do tapete. Há um conceito de espaço externo como se fosse um espaço interno, por seu caráter mais íntimo, e uma lembrança de uma sala de estar, mas colocada ao ar livre. Claramente não é só por intermédio do piso que é possível criar esse conceito no interior do espaço, mas para mim a imagem do tapete refere-se muito a essa tipologia de lugar ao ar livre.



JOGO

O sétimo elemento que selecionei é o do jogo e tudo o que essa ação inclui dentro de si. O conceito de jogo foi abordado por diferentes autores ao longo da história, sendo Johan Huizinga⁵ um dos mais importantes estudiosos sobre o assunto. Para ele, o jogo poderia ser considerado uma categoria primária da vida, fundamental para o processo de socialização. Partindo do entendimento de que a experiência lúdica estaria na base do desenvolvimento da civilização, o autor argumenta a importância do jogo como uma atividade exercida dentro de um tempo e espaço específico. Ao contrário do que se possa imaginar, o jogo não depende de artefatos (ainda que dele comumente faça uso), mas do envolvimento e disponibilidade de seus jogadores. Assim, o jogo pode ocorrer em diversas situações ao ar livre, sem que seja necessário estar, precisamente, no interior de um espaço público urbano. Existem inúmeras atividades que são possíveis em um intervalo de tempo livre. Talvez o êxito de um espaço público seja justamente o de torná-las possíveis simultaneamente. O conceito-limite e diametralmente oposto ao do trabalho e das obrigações sociais é o do lazer, dentro do qual está o jogo e a atividade lúdica. Qualquer espaço tem um potencial lúdico que pode ser explorado. Basta observar como as crianças fazem uso de diferentes locais e mesmo objetos, atribuindo-lhes novos significados dentro da lógica do jogo. Assim, o jogo remete também à criatividade e à capacidade de interação e transformação do espaço, sendo uma experiência coletiva que constrói vínculos afetivos entre indivíduos e lugares. É nesse contexto que objetos também podem ser, eventualmente, incorporados como elementos mediadores. Escolhi como símbolo para este sétimo elemento uma representação de rodas antigas porque, além

5 Disponível em: Johan Huizinga, *Homo ludens: proeve eener bepaling van het spel-element der cultuur*, Amsterdam University Press, 2008.

de algo útil para meios de transporte e movimentos, também se tornou um símbolo de jogo e prazer ao longo da história. Isso é válido em seu sentido mais geral se pensarmos que muitas vezes são elementos circulares ou esféricos que criam atividades agradáveis e divertidas. Vale destacar que outros elementos que foram apresentados ao longo desse trabalho também podem ser incorporados na dinâmica do jogo, apesar de não terem sido pensados para tal finalidade.



COLETA DE LIXO

O oitavo e último elemento que selecionei é o da coleta de lixo. Provavelmente este é o elemento arquitetônico menos atraente de todos. Não há grande história a se referir a respeito desse elemento, e por muitos séculos o problema dos rejeitos tem sido relativizado e por muitos deixado de lado ou ignorado. Acredito, no entanto, que hoje, como projetistas e arquitetos, seja essencial pensar em abordar essa questão que se tornou muito importante nos dias atuais. Não se trata apenas de colocar uma lixeira em qualquer lugar, mas é um trabalho de conscientização entre os cidadãos sobre esse problema atual. Na arquitetura, as questões dos resíduos recaem principalmente no descarte de entulhos e possível reaproveitamento de materiais de demolição de um elemento não mais utilizável. Em alguns lugares mais do que nunca é essencial saber como reutilizar o lixo de forma inteligente e não é mais aceitável que muitos materiais sejam simplesmente descartados quando sua vida útil ainda não está esgotada. A maneira de pensar sobre um material mudou de um sistema linear, portanto, com um começo e um fim, para um

sistema circular com um ciclo contínuo. Citando o famoso químico, biólogo e filósofo Antoine-Laurent Lavoisier do século XVII: “Nada se cria, nada se destrói, tudo se transforma”. Talvez isso já seja uma banalidade, embora eu acredite que ainda não para todos, mas a melhor maneira de ser capaz de transformar o lixo é aprender a separá-lo e descartá-lo corretamente, certificando-se de que mais tarde ele possa ser reciclado e reutilizado de outra forma.

Escolhi como símbolo para este oitavo elemento as antigas cestas egípcias ou romanas. Obviamente elas não eram usadas para a coleta de resíduos, mas mesmo assim têm a ver com o tema da coleta; originalmente, eram coletados principalmente alimentos ou tecidos, e por isso representam na minha opinião a ação primitiva de coleta e armazenamento. O fato de serem mais de uma é porque uma única cesta não é suficiente para coletar qualquer tipo de resíduo, mas diferentes cestas são necessárias, dependendo do material a ser reciclado, tudo obviamente dentro de um único espaço público urbano.



Como vimos nesta parte da apresentação dos elementos selecionados como principais e necessários em um espaço público urbano, a maioria deles pode ser integrada e reunida em um único elemento que inclua dois ou três deles dentro de si. Isso nos permite, como arquitetos e artistas, liberar a imaginação e a criatividade na composição e uso desses elementos primários dentro de nossos projetos de espaço público.

2. O ESPAÇO PÚBLICO POTENCIALIZADO: REFERÊNCIAS DE PROJETOS E INSTALAÇÕES

2.1 ESTUDOS DE CASO QUE FUNCIONAM EM CONTEXTOS SEMELHANTES

Neste subcapítulo, apresento oito estudos de caso que foram utilizados como ponto de partida para a elaboração do meu projeto experimental. Estes estudos contemplam tanto iniciativas realizadas na Itália como no Brasil e possuem, apesar de suas particularidades, alguns pontos em comum, como a vontade de repensar o espaço público urbano com o objetivo de torná-lo um lugar que valorize o convívio, o compartilhamento e a socialização.

Inês Lobo, João Rosário - *Piazzale Guglielmo Marconi*, Bergamo, 2014–2015

O projeto de reabilitação da Piazzale Guglielmo Marconi, em Bergamo, assinado por Inês Lobo é uma intervenção transformadora. A localização é muito especial, com estratificações pré-existentes, natureza e elementos artificiais. A praça está localizada em frente à saída da estação de Bergamo e é o início da longa avenida que conecta a parte baixa da cidade com a parte alta. Por este motivo é um espaço bastante movimentado e muito central em relação à cidade, estando situado perto do centro histórico. A arquiteta Lobo interrogou-se sobre o que faltava naquele lugar, já tendo uma história própria e sendo um espaço consolidado naquela cidade há muitos anos. A ambição do projeto passou então a ser a de restaurar o significado urbano da grande praça e rearticular as relações no tecido da cidade. O resultado apresenta assim um banco circular, rodeado por oito cerejeiras e plantas aromáticas com efeitos particularmente relevantes, o que conota o espaço com uma nova energia. Pela sua relevância e importância, o projeto foi apresentado na 16ª Mostra Internacional de Arquitetura, La Biennale di Venezia em 2018.

Na ocasião, foram apresentados alguns elementos do projeto de Inês Lobo para a Piazzale Guglielmo Marconi, propostos de forma a transmitir ao visitante a lógica por trás deste projeto. Para melhor compreender este projeto de espaço público urbano, no entanto, não creio que existam palavras melhores do que as escritas pelos próprios autores e facilmente acessíveis no site da arquiteta Inês Lobo, que desta forma apresenta esta constatação:

“O projeto parte da delimitação de um espaço vazio. Um espaço vazio que assume a forma de um grande anel, desenhado em posição precisa, circundando uma fonte, que lembra a configuração original da Piazzale Marconi.

Um espaço vazio que reinventa e reinterpreta uma pequena rotonda que outrora organizou o espaço público voltado para a estação ferroviária e, ao mesmo tempo, corooava o tecido urbano do centro da cidade oitocentista e o seu sistema de eixos.

Um espaço vazio desenhado de acordo com a escala do local e a quantidade de pessoas que, diariamente, circulam e passam o dia em um dos portões principais de Bergamo.

Um espaço vazio que atenda a funções urbanas e simbólicas, no interior da cidade e de uma praça, e deva ser eficiente em ambos os domínios, o que implica uma definição rigorosa da forma, uma geometria.

Um banco que constrói um espaço vazio. Um banco que, num único gesto e num único objeto, propõe uma forma de viver.

Uma bancada em concreto branco, que define uma linha contínua adaptada às oscilações e irregularidades do piso, garantindo a percepção como um único objeto.

Um banco que contrasta a regularidade do seu perímetro interno com um perímetro externo recortado que dialoga com o ambiente heterogêneo que o circunda.

Uma bancada projetada contra a vegetação existente, ampliando-a como um anel verde, contido por concreto e pessoas.

Uma bancada que, por meio do seu desenho, é um invólucro de espaço, vegetação e pessoas: materiais vivos capazes de dar sentido urbano ao lugar.”⁶

Essas palavras soam quase como um poema e acho que apresentam esse projeto da melhor maneira possível. Nelas é possível perceber tanto a poética do projeto quanto sua praticidade e materialidade. O estúdio Inês Lobo conclui a apresentação deste projeto com esta citação que irei relatar por ser plena de significado e inerente a esta investigação que estou a fazer:

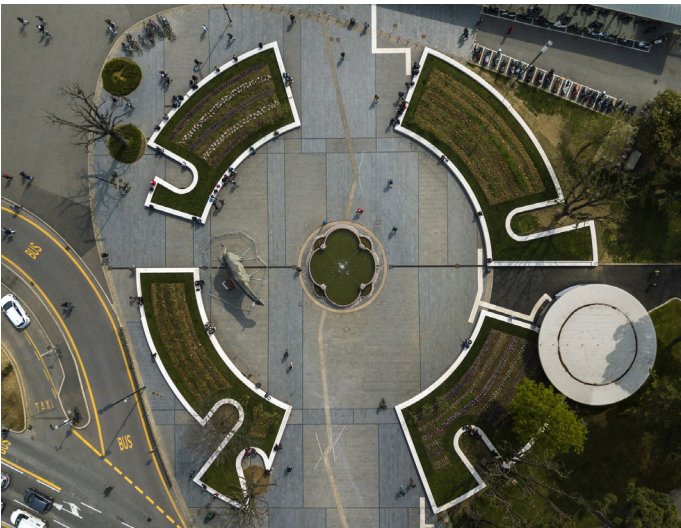
“Posso pegar qualquer espaço vazio e chamá-lo de palco despidido. Um homem caminha por este espaço vazio enquanto outra pessoa o está observando, e isso é tudo o que é preciso para um ato teatral acontecer.”⁷

Um projeto certamente de sucesso com uma poética de somar ao que já existia, o que certamente valorizou a praça existente ao defini-la mais, ao mesmo tempo criando um diálogo potente com o entorno e com o contexto existente.



6 Disponível em: <https://www.ilobo.pt/Bergamo.html>, acesso em outubro de 2021.

7 Disponível em: Peter Brook, “Lo spazio vuoto”, New York: Touchstone, 1996.



Patrizia Di Monte, Ignacio Grávalos - “Estonoesunsolar”, Zaragoza, 2009-2010

O projeto “Estonoesunsolar”, que literalmente traduzido significa “este não é um terreno” refere-se ao título da obra de Magritte “Ceci n’est pas une pipe” e quer refletir sobre o fato de que o que vemos em uma obra de arte não é realmente o objeto real, mas uma representação dele. Seguindo esse fio lógico, este projeto enfatiza o que realmente é um espaço vazio no interior da cidade, pois o problema dos lotes abandonados dentro dos centros urbanos é um problema de acúmulo de sujeira que causa transtornos aos moradores daquele local.

O projeto “Estonoesunsolar”, resumindo, é um projeto de limpeza, reabilitação e manutenção de lotes abandonados no interior da cidade e sua posterior recuperação para torná-los espaços abertos aos seus habitantes. O resultado final do projeto é, portanto, transformar alguns vazios formados no tecido urbano da cidade em espaços públicos, respondendo a uma série de preocupações por parte dos cidadãos. No que diz respeito à construção e implementação dos projetos, toda a população esteve envolvida,

especialmente aqueles que residiam no bairro envolvido. Foram também chamados desempregados ou pessoas que deviam realizar um trabalho social. Os projetos nasciam, assim, baseados nas solicitações e necessidades da população local, cada lote respondendo a uma demanda do bairro.

O programa propõe o uso temporário de vazios urbanos no interior da cidade para uso coletivo. Esses espaços são equipados com uma despesa mínima e um contrato é estabelecido, geralmente de duração anual, com o proprietário que o vende gratuitamente para a administração municipal. O programa também integra os três aspectos que compõem o conceito de desenvolvimento sustentável por meio da transformação de vazios urbanos em espaços utilizáveis pela comunidade, trabalhando em áreas pontuais dentro do enredo urbano e utilizando a metáfora da acupuntura urbana. A inclusão desses novos espaços públicos urbanos no bairro aumenta a complexidade das funções presentes, a integração das classes sociais e gêneros, aumentando as oportunidades de encontro e garantindo um aumento na qualidade de vida dos cidadãos. Os materiais utilizados são de baixo custo e muitas vezes reciclados: principalmente com a pintura colorida das paredes e dos pisos, ou por meio da inserção de elementos vegetais; tudo obviamente feito de forma a tornar as mudanças reversíveis. Cada projeto envolve uma sucessão de três fases de implementação:

- Apresentação do projeto para que o local seja recuperado;
- Limpeza e reabilitação do mesmo;
- A manutenção do espaço inclui limpeza de pichações e vandalismo, mantendo o espaço útil para uso público.

Os projetos realizados até o momento, cada um diferente do outro, são cerca de 29, com outros aguardando aprovação.

Considero este projeto, ou melhor, este programa de intervenção, muito interessante por sua sensibilidade em relação a todos esses vazios urbanos, muitas vezes esquecidos e marginais. Ao mesmo tempo, tentamos intervir nesses espaços com o menor custo e dispêndio possível, um conceito que me ajudou muito durante a segunda fase de projeto. Por fim, acredito que sua maior força é dar espaços atualmente perdidos à cidade, tornando-os espaços públicos urbanos principalmente para quem mora nas proximidades desses locais. Todas as ações e conceitos projetuais foram muito importantes para minha pesquisa e trabalho.



Bianca Bonachela, Caroline Viana, Luis Scavassa, Rafael Letizio, Vinicio Diani, Yêdda Magalhães - “Além da Transposição: Estudo e Intervenção na Brasilândia”, Orientadoras Prof.ª Dr.ª Catharina Pinheiro e Prof.ª Dr.ª Karina Leitão, São Paulo, 2018

O projeto “Além da Transposição: Estudo e Intervenção na Brasilândia” foi desenvolvido por alguns estudantes no 1º semestre de 2018 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Localizado no distrito da Brasilândia em São Paulo, e emblemático pela sua configuração topográfica, o Jardim Damasceno foi o território escolhido para o desenvolvimento desta proposta de redesenho urbano, que tem por objetivo qualificar, sob múltiplos aspectos, uma das escadarias existentes no bairro. Ainda que com uma densa ocupação, o Jardim Damasceno é costurado por uma rede de paisagens fragmentadas e carece de infraestrutura adequada para a mobilidade local. Uma vez que a topografia é de difícil transposição, as escadarias passam a ser cruciais para o deslocamento do pedestre. Elas se tornam cenários dos encontros cotidianos e atalhos para o deslocamento diário, conectando níveis do tecido urbano próprios do relevo acidentado. Geralmente inadequados, deteriorados ou abandonados, estes espaços não atingem sua função intrínseca como espaços públicos de mobilidade e sobretudo não exploram o potencial de convivência que possuem. As precárias condições de implementação e manutenção, a falta de iluminação, as irregularidades no terreno e até mesmo o uso dessas passagens para o descarte de lixo doméstico, dão o caráter de abandono desses locais e a consequente sensação de insegurança ao se transitar por eles.

O desafio que este projeto se coloca é como qualifi-

car estas paisagens não só do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista paisagístico.

Reconhecendo-os como lugares em que converge o cotidiano, a tentativa de revalorizar esses espaços de transição foi um dos nortes deste projeto, que procurou desde sua concepção se alinhar a um conceito de urbanidade voltado à importância da escala do pedestre, da convivência social e do lazer.

A escadaria escolhida para reformulação foi indicada pelos moradores do Jardim Damasceno. A decisão se justifica pela transposição crucial que a escada faz ao ligar a porção mais alta do bairro com a sua principal via de saída, que conta com rotas de ônibus e com o Parque Linear do Canivete. Assim, proporciona-se um acesso facilitado a essas estruturas presentes nas partes mais baixas do território.

Este projeto quer substituir a escada já existente neste lugar porque não pode ser considerada acessível, pois apresenta lances longos demais e degraus irregulares entre si.

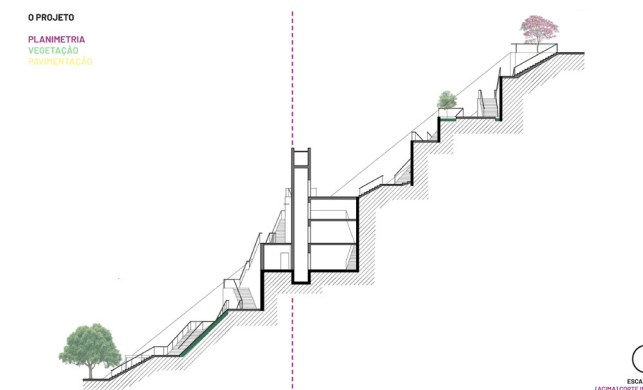
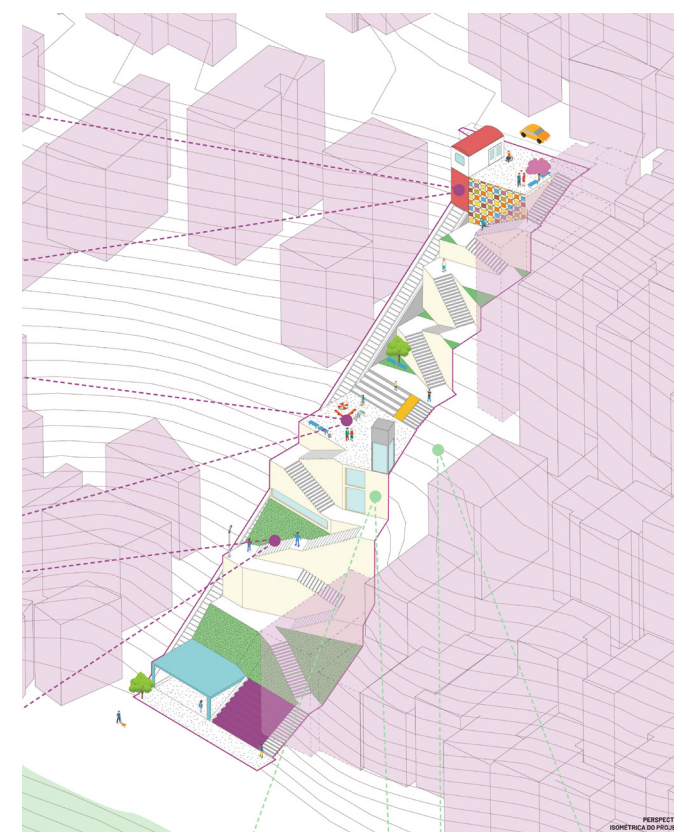
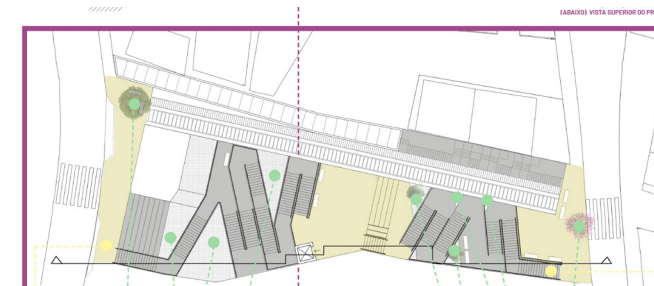
Ele é dividido entre quatro desafios e pontos fundamentais:

- O direito à mobilidade e à intenção de valorizar o caráter social dos espaços livres democratizando o acesso à essa infraestrutura;
- A ideia de uma “*escadaria-praça*”, dotando-a de equipamentos e infraestrutura que induzem a permanência, suprimindo a falta de espaços livres no bairro;
- A promoção de um caminho seguro para os pedestres junto com a iluminação deste lugar;
- Programas adicionais na passagem como o uso habitacional e institucional, com a criação de um equipamento localizado no patamar intermediário.

Enfim tem a proposta de complementar o projeto da escadaria com a instalação de um funicular, que rea-

lizará a mesma transposição e possibilita o acesso ao patamar intermediário, promovendo o usufruto da praça, do equipamento institucional e do conjunto de edificações sugeridas.

Um projeto certamente ambicioso, mas que valoriza este espaço público urbano, aparentemente apenas um espaço de trânsito, conferindo-lhe um caráter atraente para os moradores desta comunidade, além de permanecer útil e com mais segurança.



Moradores da comunidade do Vidigal - “Parque Sitiê”, Rio de Janeiro, 2003-2015

O “Parque Sitiê” é um parque ecológico localizado na favela do Vidigal, na parte sul do Rio de Janeiro. Ao longo de mais de duas décadas, os cerca de 25 mil moradores da Favela do Vidigal, na Zona Sul do Rio de Janeiro, viram mais de 16 toneladas de lixo se acumularem no local. Era comum despejar no morro eletrodomésticos com defeito, restos de comida e até corpos de animais mortos. De 2003 a 2015, um grupo de moradores recuperou um total de 8.500 m2 de terra deste depósito de lixo informal. No começo levou seis anos para a maior parte do lixo ser retirada. O local foi então rebatizado de “Parque Sitiê”, palavra que mescla “sítio” a “Tiê-sangue”, o seja, o pássaro nativo de grande beleza e sagacidade que caracteriza este local.

Este projeto trabalha na recuperação de depósito de lixo, controle de deslizamentos de terra e organização comunitária. O que deixa o “Parque Sitiê” incrível e verdadeiramente especial na sua singularidade é que ele é um parque ecológico construído inteiramente pela comunidade.

O que este parque é hoje é o resultado do trabalho da

comunidade, do escritório que desenvolveu o projeto e dos colaboradores das mais diversas áreas que, em meio à crise, acreditam e fazem o Sitiê acontecer. Atualmente, o parque é cuidado por Paulinho, morador do Vidigal, com a ajuda de alguns amigos, e é apoiado por uma pequena quantidade da receita do turismo.

Como membro valorizado da favela do Vidigal, Paulinho dedicou sua vida ao serviço público, trabalhando em saneamento comunitário; ele é empregado pelo governo local para coletar lixo no Vidigal. Mais do que apenas uma fonte de subsistência, Paulinho sente que é sua responsabilidade manter a comunidade limpa. Estando no Vidigal há mais de três décadas, ele viu a comunidade se transformar, de muitas maneiras diferentes, tanto boas quanto más.

O “Parque Sitiê”, por meio do seu projeto de potencialização, quer ser uma atração turística, um local de educação ambiental e um local de agrossilvicultura produtiva⁸, criando também empregos na comunidade.

Acredito que este projeto seja um exemplo importante de como, a partir da simples vontade dos habitantes de um lugar para recuperá-lo e torná-lo seu, podemos transformar um ambiente esquecido, perigoso e insalubre em um grande ponto de atração não só para a própria comunidade, mas também fora dela. Estudando este projeto percebi como todos os resíduos e materiais reciclados, como rodas de carro, rodas de bicicleta e cadeiras velhas quebradas foram utilizados para sua realização. Por meio do artesanato, esses elementos simples foram transformados em muros de contenção, lugares para sentar-se, parapeitos e pequenas mesas. Este parque, além de ter muita vegetação e uma área natural muito grande,

⁸ A “agrossilvicultura” é uma combinação da agricultura e da silvicultura, pois este sistema produtivo inclui as árvores, o gado e o pasto numa mesma unidade produtiva. Assim, enquanto cultivam as culturas, também plantam árvores de interesse na área, conseguindo um reflorestamento sustentável.

soube explorar uma parte disso como uma horta comunitária e seus habitantes, em caso de necessidade, podem aproveitar algumas hortaliças para ter na mesa uma alimentação de maior qualidade e saúde. Quando as próprias administrações se esquecem desses lugares, tudo o que resta para nós cidadãos é apropriarmos-nos e tomar posse deles novamente, transformando esses lugares horríveis em espaços públicos maravilhosos com grande qualidade visual e sensorial.



Município de Milão - “La Piana”, Piazzale Fabio Chiesa, Milão, 2020

O projeto “La Piana” é um dos mais de 65 projetos da Prefeitura de Milão que fazem parte do programa “Praças Abertas”.⁹ Ele está localizado na Piazzale Fabio Chiesa, que é uma área elevada de pedestres de um complexo multifuncional dos anos 70, atrás da Igreja Paroquial do bairro, que inclui diversos serviços públicos, como o Cartório, um ambulatório e o “Teatro Ringhiera”, mas fechado nos últimos anos para obras de consolidação da estrutura.

A praça leva o nome de um ator e artista de rua, Fabio Chiesa, que morreu em um trágico acidente em 2010. A ele, devemos as primeiras intervenções da arte pública no asfalto da planície, inicialmente continuadas por amigos e companheiros, e posteriormente por um público cada vez mais amplo, traçando e colorindo grandes flores a partir dos sinais das rachaduras no asfalto. Desde então, “La Piana” é um local de eventos das associações locais, na tentativa de revitalizá-lo por meio da participação dos cidadãos. Graças também às intervenções do “urbanismo tático”¹⁰ adotadas de forma cada vez mais difundida pela Prefeitura de Milão, “La Piana” foi reestudada e dividida em dois espaços. O primeiro é “O Jardim do Concreto”, com uma nova coloração da superfície asfáltica e a disposição de bancos em um semicírculo. O segundo espaço, em vez disso, é “O Salão

⁹ “Praças abertas” é um programa baseado na ideia do espaço público como local de encontro e convívio: novos pontos de encontro, zonas de circulação de pedestres, parques infantis e espaços para eventos que irão enriquecer as praças, agora em nome, mas não em fato: novos assentos, plantas e espaços para bicicletas, travessias mais seguras e menos trânsito, lojas mais acessíveis e uma nova cara para a praça.

¹⁰ O “urbanismo tático” é uma abordagem que envolve diferentes tipos de ações, às vezes realizadas diretamente pelos cidadãos e outras pelas administrações locais, que visam melhorar os espaços públicos para torná-los mais úteis e agradáveis para quem os utiliza.

Verde”, que já viu o aparecimento de quase cinquenta vasos recém-plantados com diferentes essências, incluindo gramíneas com diferentes florescências e algumas hastes de “Albizia”, capazes de proporcionar um bom sombreamento da área, aumentar seu conforto e aumentar suas possibilidades de uso. Outras obras estão previstas para este projeto em breve, como, por exemplo, conexões para água e iluminação.

O novo arranjo desta praça elevada parece um sistema complexo no qual uma paisagem mais “artificial” se alterna, por meio do uso da cor sobre o velho asfalto cinza e dedicada à imaginação e à cultura, e uma paisagem mais “natural” que segue um arranjo ordenado, mas cheio de exceções e surpresas, ambas dedicadas a melhorar as condições não só estéticas, mas também ambientais deste espaço público. Para unir essas duas “paisagens”, na calçada, uma série de círculos concêntricos são enxertados, que evocam a ideia de uma nova fundação, de um novo playground cujas regras do jogo ainda devem ser inventadas. O município de Milão gostaria que este lugar se transforme em um grande anfiteatro ao ar livre, com eventos futuros e uma ideia ampliada de compartilhamento.

A minha reflexão a respeito deste espaço é principalmente crítica e não concordo totalmente com este tipo de intervenção. Na realidade o que mais me ajudou no meu trabalho foi apenas uma das duas tipologias da “paisagem”: aquela mais “artificial” chamada “O Jardim do Cimento”. Achei muito interessante o uso da cor no piso deste espaço e também em algumas das cadeiras, que foram estudadas em relação ao design do espaço e à sua ideologia. No entanto, o que achei forçado e sem raciocínio aprofundado foi a parte lateral com outros assentos, dispostos de forma consideravelmente aleatória, alternando com alguma vegetação, mas muito limitada e, visivelmente, já sem a manutenção e os cuidados necessários.

No geral, porém, é apreciável o esforço do município de Milão para regenerar estes dois espaços interligados, com poucas intervenções adicionais e a um baixo custo. No entanto, mereceria ser feita uma reflexão sobre o processo de tomada de consciência da parte da administração, sobre a importância de um projeto estudado e definido com maior profundidade, inclusive para intervenções de pequenas dimensões como estas.



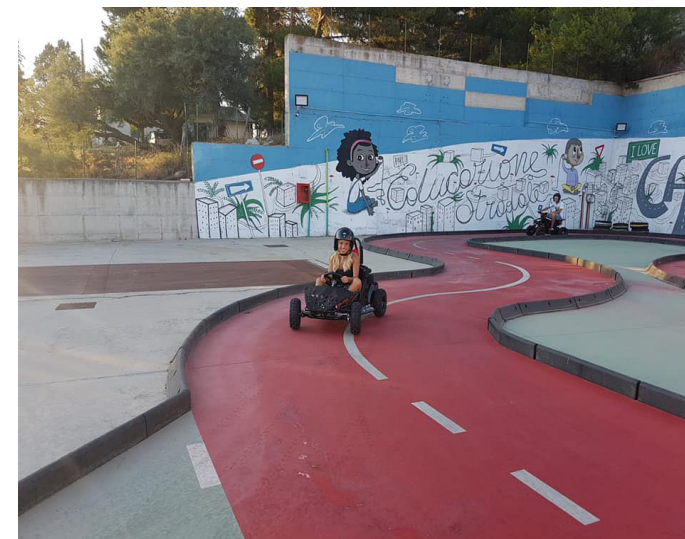
Fondazione con il Sud e Fondazione Vismara **- “Parco educazione stradale”,** **Cropani Marina, 2018.**

O projeto “*Parco educazione stradale*” em Cropani Marina, localizado no sul da Itália, decorre de uma propriedade confiscada da máfia, mas especificamente da ‘*Ndrangheta*¹¹, que originalmente era usada como depósito de veículos e reabastecimento. O parque é composto por um autódromo infantil completo com placas, semáforos, travessias de pedestres, onde tudo é parecido com a realidade e as crianças têm a sensação perfeita de estar no trânsito da cidade. Através da utilização de minicarros e minibikes, jovens e adultos podem percorrer uma estrada e interiorizar a importância do cumprimento das normas, com particular atenção às escolas e famílias. As atividades de aprendizagem e educação de trânsito são, portanto, um meio para educar as crianças sobre as regras e a legalidade, promovendo o emprego dos jovens e ao mesmo tempo potenciando a atratividade turística, tudo num ambiente leve e divertido. Além do tema das regras, este projeto também quer enfatizar o tema da colaboração. Ou seja, prevalece o desejo de cooperar em detrimento dos interesses pessoais e individuais. Se trabalharmos juntos e houver espírito de equipe, a promessa desse projeto é que também haja felicidade.

É evidente que este projeto, em comparação com os outros selecionados, é diferente. Afinal, ele é monotemático. No entanto, achei interessante o fato desta ideia ter conseguido regenerar um espaço privado (que se tornou público), em um local não só de lazer, mas também de aprendizagem e educação. Obviamente, tudo isso criaria neste novo espaço público urbano um forte atrativo não só para seus habitantes, mas também para quem está fora daquela cidade.

¹¹ ‘*Ndrangheta* é uma associação mafiosa que se organizou na região da Calábria, na Itália.

de. Acredito que este tipo de intervenção e atração de público pode ser potencializada, uma vez outros elementos de composição do espaço urbano poderiam ser combinados com este projeto.



Fondazione per l’Innovazione Urbana e **Dipartimento di Architettura, Università di** **Bologna - “Green please, il prato che non ti** **aspetti!”, instalação temporária,** **Piazza Rossini em Bologna, de 25 de** **setembro a 1 de outubro de 2019.**

O “*Green please, il prato che non ti aspetti!*” é uma instalação temporária localizada no centro histórico de Bolonha, dentro da Piazza Gioacchino Rossini. Esta praça ocupa a área que já foi um cemitério e um antigo pátio da igreja de San Giacomo Maggiore. Originalmente, esse lugar era cercado por obstáculos para evitar o trânsito de carruagens. Além disso, o registro histórico revela que originalmente esta praça também abrigava uma área destinada à vegetação. Apesar do seu valor histórico e icônico, ela se transformou em um estacionamento, deixando de se configurar com um local de descanso e convívio, já que então os pedestres passaram a caminhar somente pelas suas bordas, em um espaço compartilhado com os carros. Para além dos problemas de circulação, é necessário destacar que a presença de automóveis no centro da praça atrapalhava a visualização do importante patrimônio arquitetônico que ela abriga.

O projeto “*Green please, il prato che non ti aspetti!*” surgiu da necessidade de oferecer a praça uma dimensão de sociabilidade. A ideia de um jardim provisório em vez de parque de estacionamento nasceu de alguns universitários que se inspiraram e se deixaram influenciar pela consulta do material de arquivo histórico deste lugar. Eles pretendiam testar de forma inesperada novos usos desse espaço público, até então rejeitado dentro da zona universitária. Após um retorno positivo desta experiência, o Município de Bolonha decidiu oferecer definitivamente a praça para pedestres, inclusive considerando esta área de

espaço de valor arquitetônico. Este projeto propunha um gramado de mais de 300 metros quadrados e um elevado de 15 centímetros do solo, cujo objetivo era conter o solo e o sistema de irrigação necessário para garantir a conservação da vegetação. Uma orla de madeira foi utilizada para delimitar a área e garantir a acessibilidade por meio de uma rampa. A praça também abriga um sistema de flores de madeira com arbustos, plantas aromáticas, herbáceas e gramíneas. Estas plantas têm uma função tanto estética como de conservação e desenvolvimento da biodiversidade no meio urbano, com função ecológica, social, recreativa e didática. Na área existem também dois elementos de iluminação em forma de uma grande flor vermelha, provavelmente de estética e beleza questionáveis. O que é importante, entretanto, é que a ideia desse projeto foi bem-sucedida; aliás, os estudantes universitários começaram a desfrutar desta instalação sentindo-se parte ativa e integrante desse lugar. A ideia de um espaço verde no centro histórico, acessível a pés descalços, como se estivesse imerso na natureza, é uma ideia original e atraente, mas também com referências históricas significativas. Acredito que a maior vitória desta instalação foi transformar um corredor agitado, repleto de poluição por conta dos carros que ali transitam e estacionam, em um lugar para parar, sentar-se na grama para ler um livro ou simplesmente observar o patrimônio artístico e cultural que abraça esta praça. Tudo com um espírito positivo em relação ao verde urbano que está se espalhando cada vez mais nos espaços públicos de muitas cidades italianas.

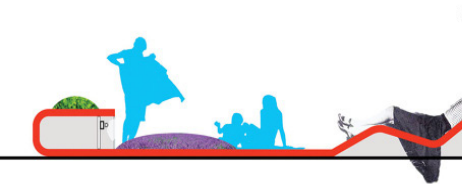


SPMB – “Plage”, instalação temporária, Festival Ephemeral Gardens em Quebec City, 2011.

“Plage” é um projeto de instalação temporária no interior de um jardim, concebido e criado para um Festival na cidade de Quebec. Ele foi inspirado em uma reflexão sobre a praia, como os próprios projetistas explicam:

*“A praia como espaço público sugere novas possibilidades de reconciliação social. Na praia, visitantes de diferentes origens, formações culturais, raízes raciais e classes sociais compartilham a mesma paisagem em agradável harmonia. A praia passa a ser a imagem do equalizador social urbano ideal: uma democracia hipersocial espacializada. A pradaria, por outro lado, é um espaço de introspecção e reflexão. O vasto horizonte e o céu aberto convidam a se voltar para dentro de si próprio”.*¹²

Por meio de suas palavras podemos entender melhor o nascimento deste projeto e de onde vem sua ideia. Na verdade, sua proposta era a de um diálogo entre diferentes paisagens, ou seja, entre a praia, o campo e a própria paisagem de Quebec. O projeto baseia-se, assim, na tipologia mista “campo”/“praia”, explorando a justaposição de sons, luzes, cores e plantas num espaço que relembra os cultivos e os espaços abertos do campo, mas com a paisagem suave da praia, suas atrações e cultura. “Plage” funciona como um contraponto à experiência típica do jardim, não a imagem propriamente dita do jardim, mas a experiência que ela nos provoca, criando um espaço de recolhimento, observação, introspecção e, sobretudo, um local de encontro. Achei este projeto interessante como referência por causa de sua concepção de “tapete”, explicada no capítulo anterior do trabalho, e sua possibilidade de criar uma sensação de “convívio” ao ar livre por meio de um único gesto projetual. Também acho interessante como seus projetistas conseguiram criar uma variedade de usos e sensações, combinando elementos artificiais com elementos naturais, coexistindo através da forma, estética e tecnologia.



¹² Disponível em: <https://www.spmc.ca/PLAGE.html>, acesso em outubro de 2021.

2.2 ESCOLHA DE QUATRO ESPAÇOS PÚBLICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS EXPERIMENTAIS

Como sinalizado na introdução deste trabalho, escolhi quatro locais para o desenvolvimento de projetos experimentais de intervenção no espaço público urbano. Neste tópico explico como encontrei estes lugares e que intenções nortearam o projeto que desenvolvi para cada um deles.

“Piazza Lauro Rossi”, Macerata, Itália

Gostaria de reformar uma pequena praça chamada Lauro Rossi, localizada na cidade de Macerata, na Itália. Visitando a cidade, descobri este espaço não utilizado, senão como estacionamento para carros. Este lugar me pareceu interessante porque, apesar de estar em um centro histórico, descaracterizou-se, tornando-se uma espécie de “ilha” na qual automóveis são enfileirados de maneira improvisada.

“Fazendinha do bairro Jardim Colombo”, São Paulo, Brasil

Gostaria de desenvolver um projeto de um parque no bairro Jardim Colombo, localizado em São Paulo, no Brasil. Em pesquisas junto aos colegas da Universidade de São Paulo tomei conhecimento sobre este bairro e um espaço específico denominado de “Fazendinha”. Durante muito tempo, a “Fazendinha” foi um terreno inclinado dedicado a coleta de lixo. Alguns dos moradores desse local já realizaram intervenções para recuperar a área. Contudo, ainda existe uma grande possibilidade de desenvolvimento e potencialização do espaço.

“La Piastra do bairro Gratosoglio”, Milão, Itália

Gostaria de reformar uma praça existente no bairro de Gratosoglio, localizado em Milão, na Itália. Fazendo uma visita neste local, por conta de um curso realizado no Politécnico de Milão, conheci este bairro que possui um espaço elevado para pedestres chamado “La Piastra”. Recentemente, a Câmara Municipal de Milão colocou alguns equipamentos públicos neste lugar, mas apesar desta intervenção, acredito que ainda exista um grande potencial de desenvolvimento para esta praça.

“Ocupação 09 de Julho”, São Paulo, Brasil

Gostaria de desenvolver um projeto de planeamento de espaço exterior dentro da “Ocupação 9 de Julho”, localizada em São Paulo, no Brasil. Durante a minha estadia no Brasil, descobri este espaço ocupacional que faz parte do *Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)*. Os moradores desta ocupação já realizaram intervenções para reformar o espaço interno e externo deste lugar. Contudo, ainda existem algumas situações não resolvidas e perigosas para as pessoas. Apesar de ser um espaço privado ao redor de um edifício, ele é frequentemente aberto e contém atividades e eventos destinados à cidade e a pessoas de fora. Assim, pode-se dizer que a Ocupação também possui grande vocação de espaço público.

Do ponto de vista analítico, entendo que seria interessante estabelecer neste trabalho dois paralelos. O primeiro deles, entre a Cidade Medieval e a Favela, e o segundo, entre a Periferia e a Ocupação. Nos próximos capítulos, sigo esta ordem de apresentação, uma vez que em cada um desses blocos existem elementos em comum.



Para desenvolver estes projetos experimentais, busquei conhecer estes lugares. Em algumas ocasiões, tive a oportunidade de realizar visitas de campo, como foi o caso da “Piazza Lauro Rossi” (ago/2021), da “La Piastra” (out/2021) e da “Ocupação 9 de Julho” (nov/2021). Além disso, realizei pesquisas pela internet e recolhi informações sobre todos estes espaços, visando embasar o projeto.



3. PRAÇA LAURO ROSSI, MACERATA, ITÁLIA

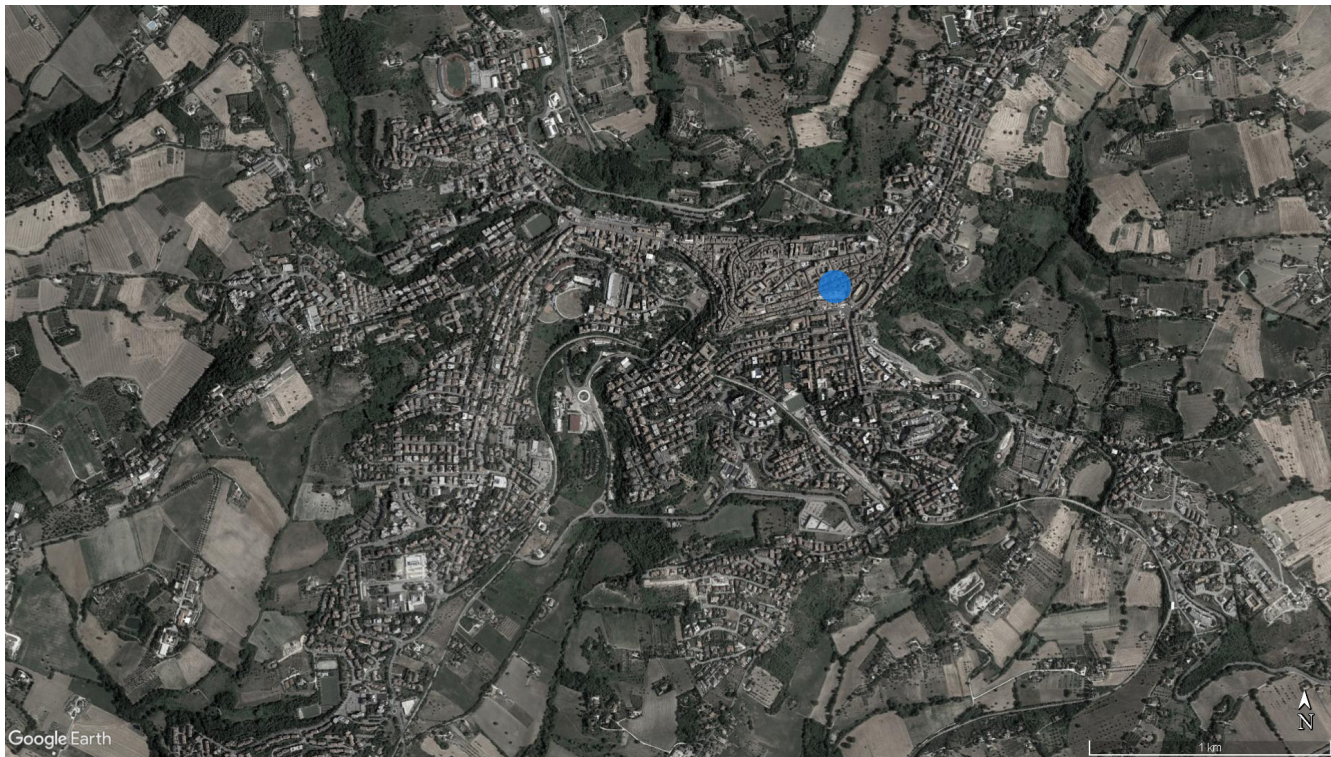
3.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR

Macerata é uma cidade medieval na Região do Marche, na porção central da Itália. Foi construída no topo de uma colina, como era comum para as cidades de maior porte na Antiguidade, por motivos de segurança e para controle do território circundante. Isto é particularmente verdadeiro no Marche, com sua geografia predominantemente acidentada e montanhosa. Acredita-se que fundação da cidade remonte ao século III a.C., durante o domínio do Império Romano. Apesar das origens romanas, a arquitetura de seu centro histórico é dominada pelo estilo medieval, que, juntamente com diversos atrativos culturais, faz com a cidade seja hoje um polo turístico. Outro ponto merecedor de destaque é a cozinha local também, que contém uma série de especialidades e pratos típicos da região central da Itália. Considera-se que a maior atração da cidade seja o Sferisterio di Macerata¹³, um teatro ao ar livre localizado dentro do centro histórico. Uma arena semicircular originalmente utilizada para o antigo jogo de “*pallone col bracciale*” (bola com o braço), foi posteriormente convertida num local ao para concertos e ópera ar livre com acústica aclamada por peritos, bem como um local para vários festivais culturais. O edifício foi projetado em 1823 e tem uma capacidade máxima de cerca de 2.500 lugares, ou até 3.000 se incluídos os camarotes.

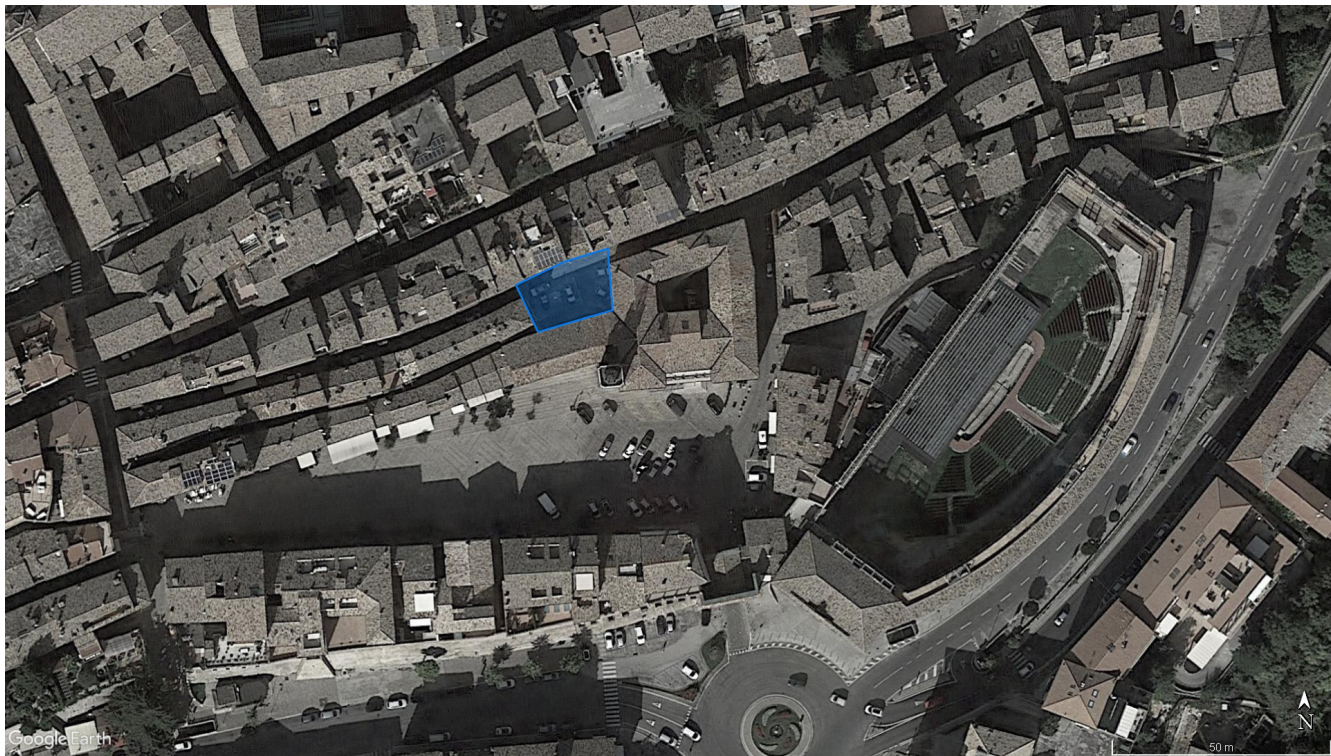


MACERATA, ITÁLIA

13 ¹³ localizado no desenho na página 51



PRAÇA LAURO ROSSI, MACERATA



PRAÇA LAURO ROSSI, LOCALIZAÇÃO

A Praça Lauro Rossi é o local escolhido para o projeto de tipologia da cidade medieval. Trata-se de uma praça secundária localizada dentro do centro histórico e não muito longe do já mencionado teatro e da Praça Giuseppe Mazzini¹⁴, uma das duas principais praças da cidade de Macerata.

A Praça Lauro Rossi é uma praça de dimensões reduzidas, na convergência de duas ruas do centro histórico: a primeira é a Via Lauro Rossi¹⁵, que atravessa a praça de uma ponta à outra pelo lado norte; a segunda, o Vicolo S. Carlo¹⁶, que vem pelo lado sul da praça, juntando-se à primeira rua. O Vicolo S. Carlo está num nível mais baixo que a praça e isto produz desnível na mesma. A Via Lauro Rossi também não é plana, causando encostas e problemas de diferença de altura neste espaço público urbano. No centro desta praça encontra-se uma estátua de tamanho médio dedicada ao próprio Lauro Rossi, um compositor de Macerata que se dedicou particularmente à ópera. Há também um parapeito que separa o espaço elevado da praça do Vicolo S. Carlo do nível inferior. O que chama a atenção ao se visitar a praça é a sua utilização atual. Apesar do espaço limitado disponível num centro antigo da cidade, a praça é dominada por carros, tornando-a, para todos os efeitos, um parque de estacionamento privado para aqueles que vivem perto da praça. O município de Macerata concede licenças especiais de estacionamento àqueles que vivem nas proximidades do local, oficializando e perpetuando a situação. Além disso, à noite, uma vez que a praça não está bem iluminada e não há bares ou lojas com vista para ela, torna-se um ponto de encontro para atividades duvidosas, causando descontentamento entre os moradores locais. No passado, bancos eram colocados na praça, mas forma retirados após alguns episódios de vandalismo, e hoje em dia não há lugares para sentar-se

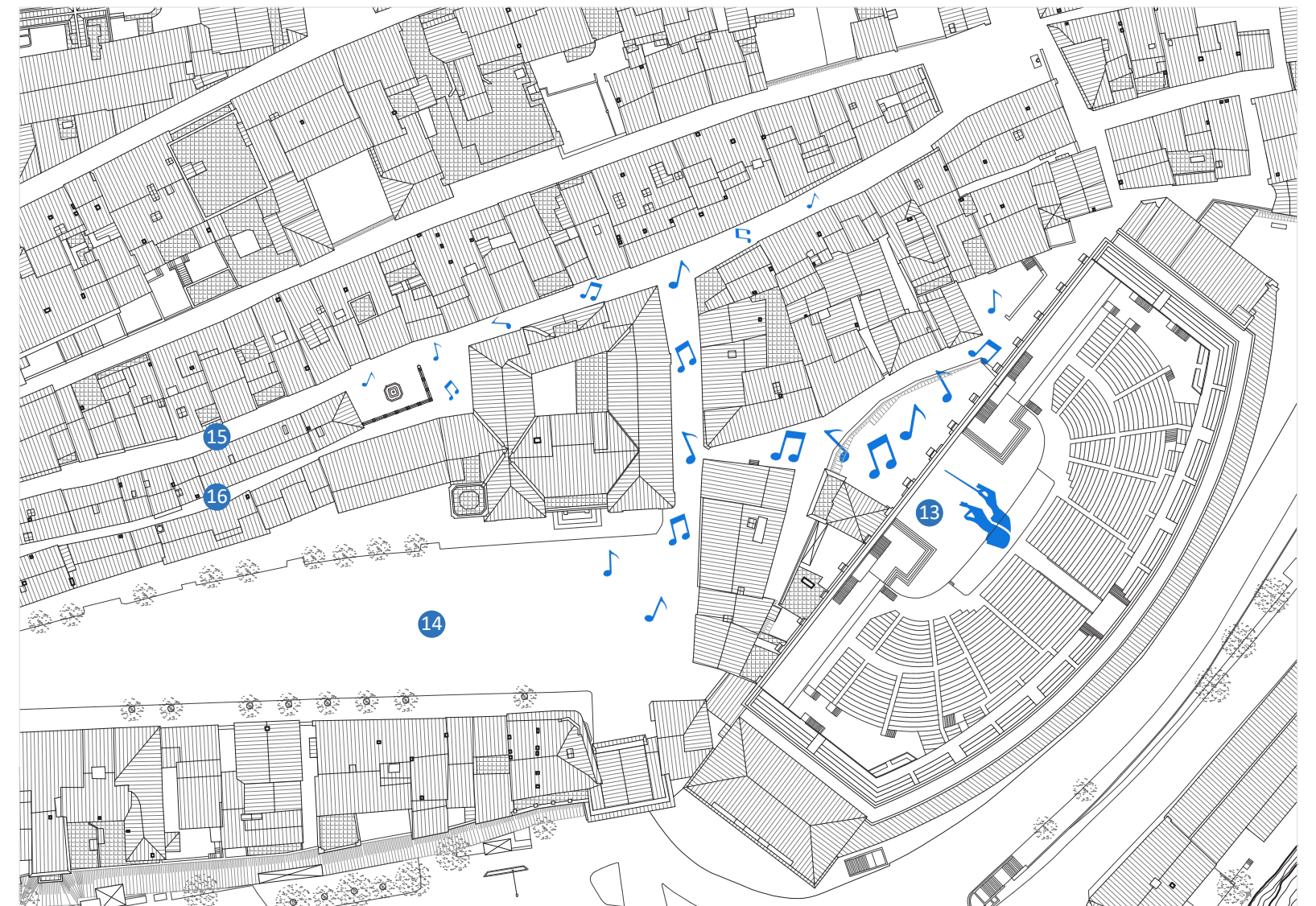
14 ¹⁴ localizado no desenho na página 51
 15 ¹⁵ localizado no desenho na página 51
 16 ¹⁶ localizado no desenho na página 51

além parapeito de tijolo existente. Por outro lado, uma das potencialidades deste espaço deve ser notada: por estar próxima do Sferisterio, e por este ser um teatro aberto, é possível ouvir a música que vem daquele lugar. Em conclusão, no conjunto, trata-se de um espaço urbano não é utilizado da melhor maneira possível, uma praça que merece ser devolvida aos seus habitantes para que façam dela um uso melhor que o atual.



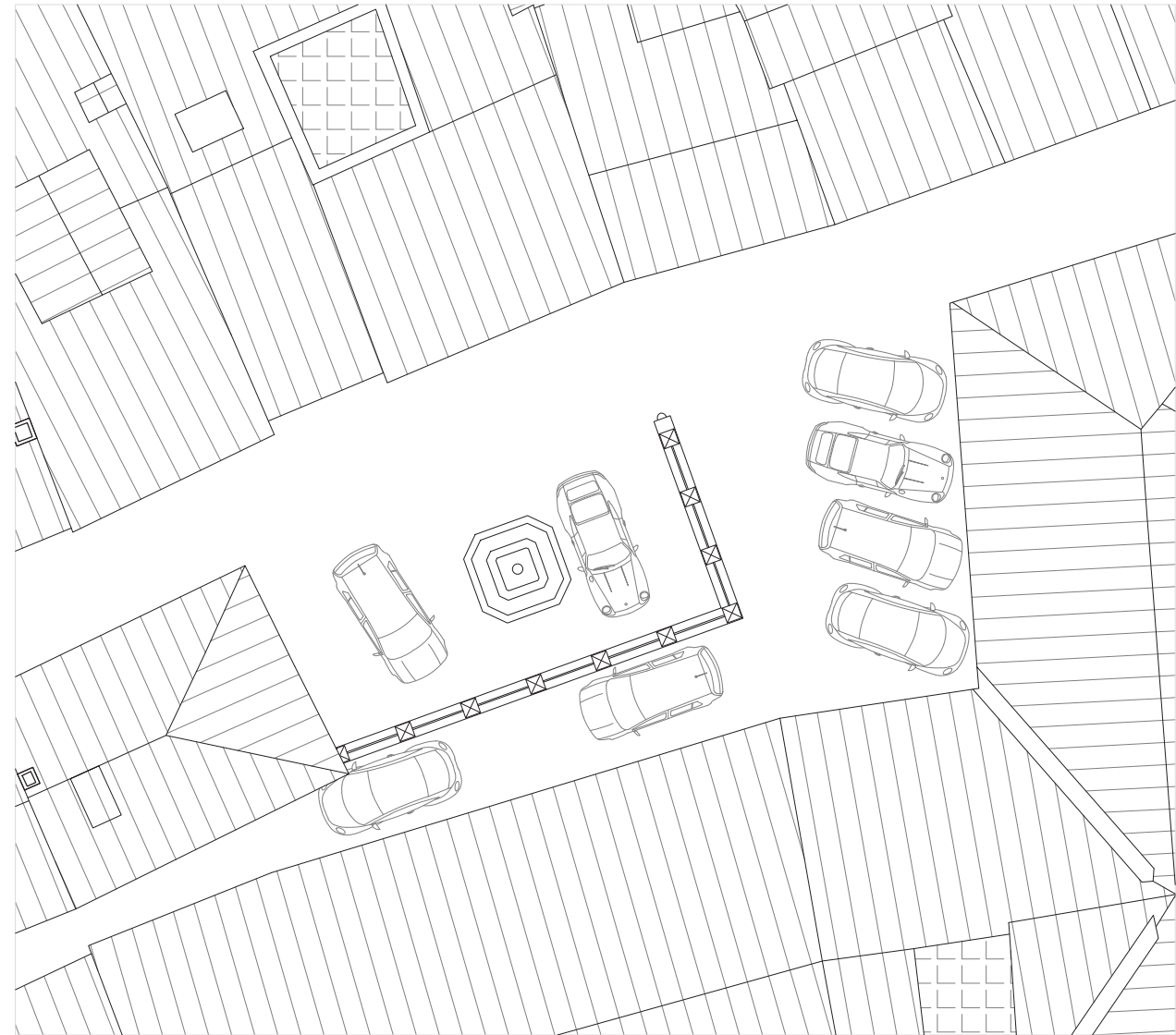


3.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO

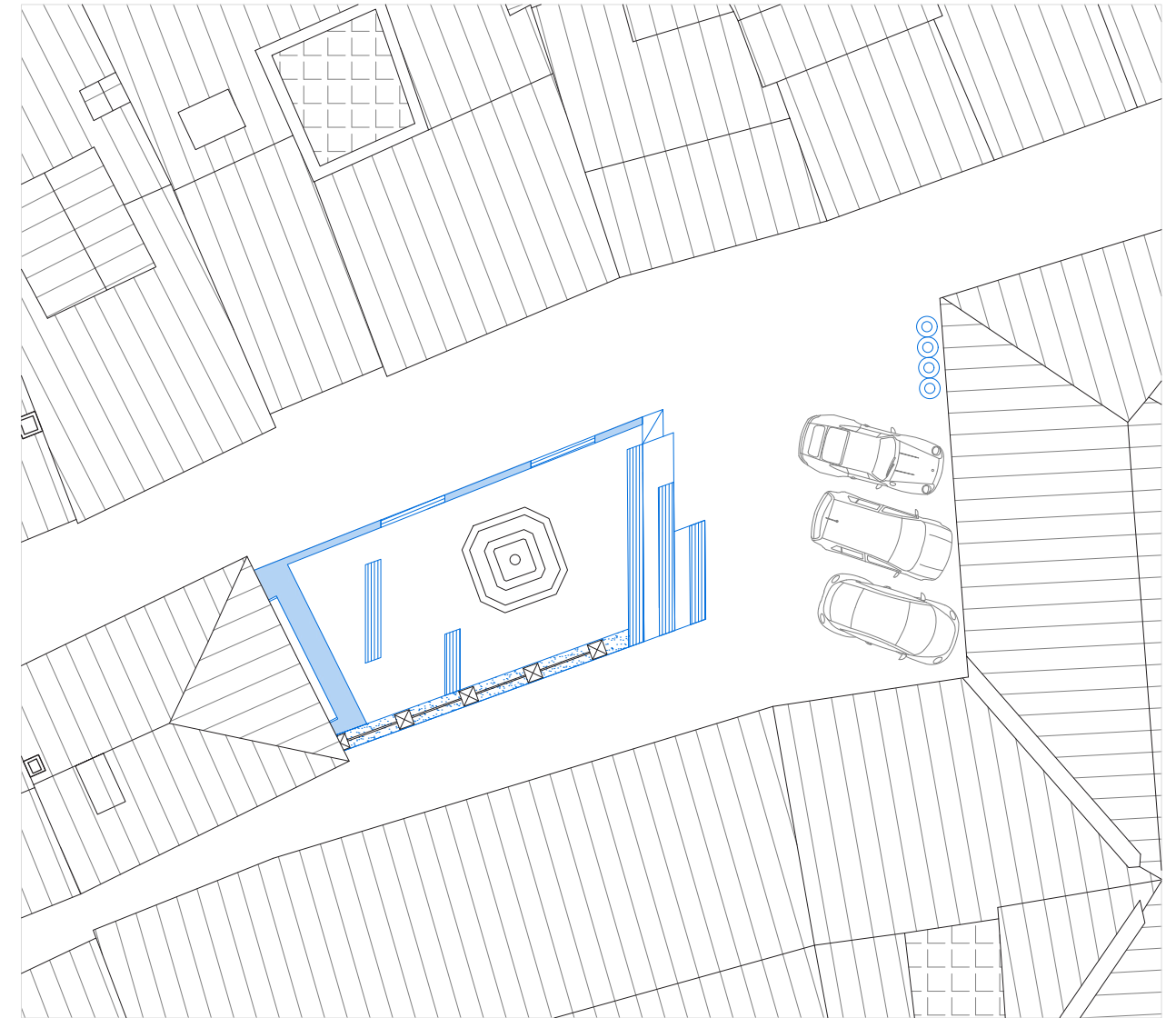


A VOCAÇÃO MUSICAL DESTE LUGAR



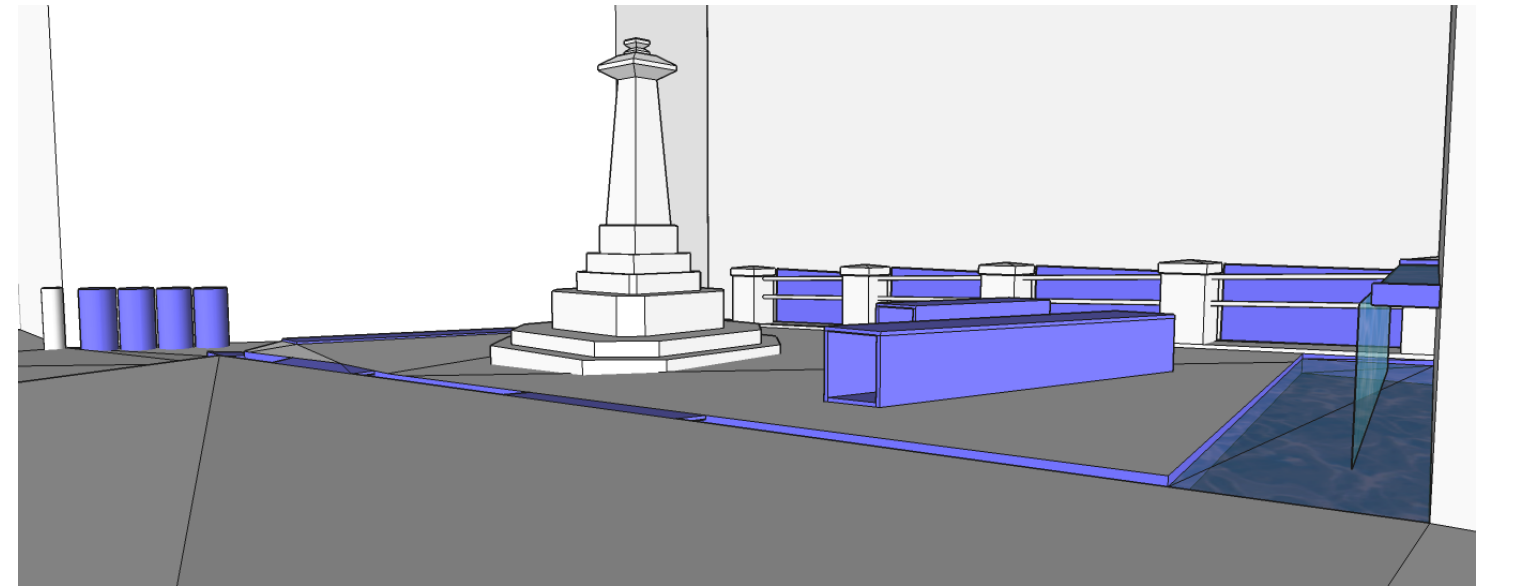
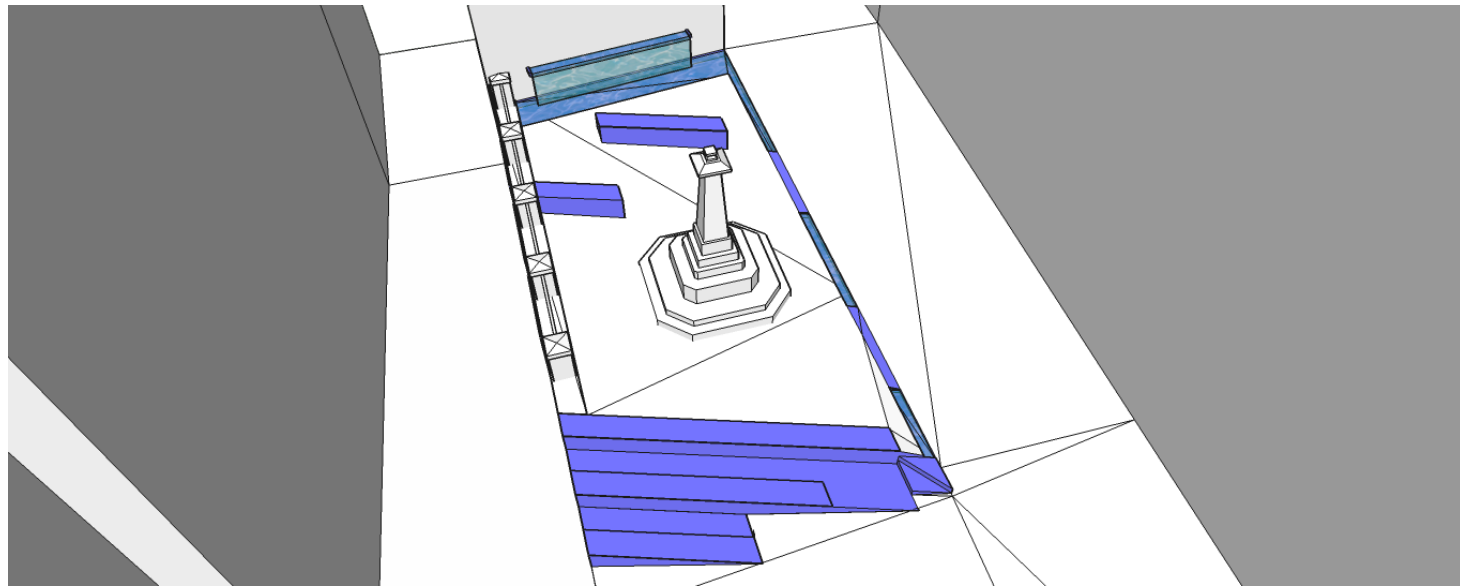
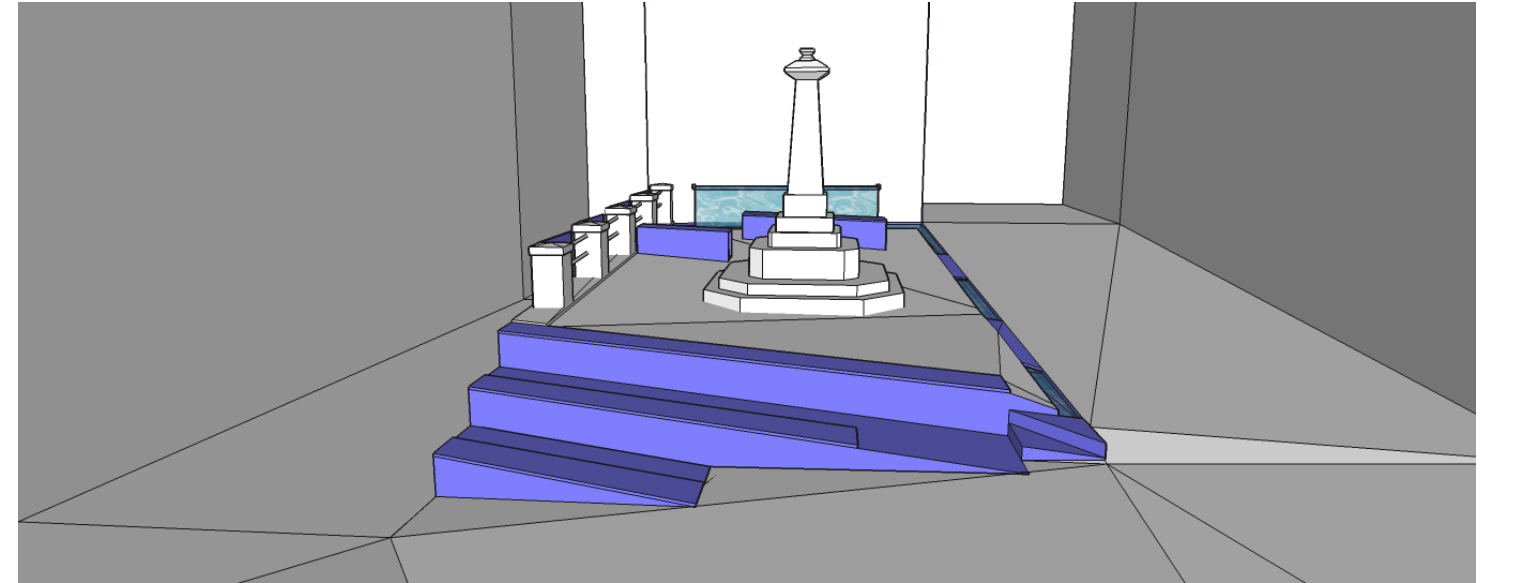
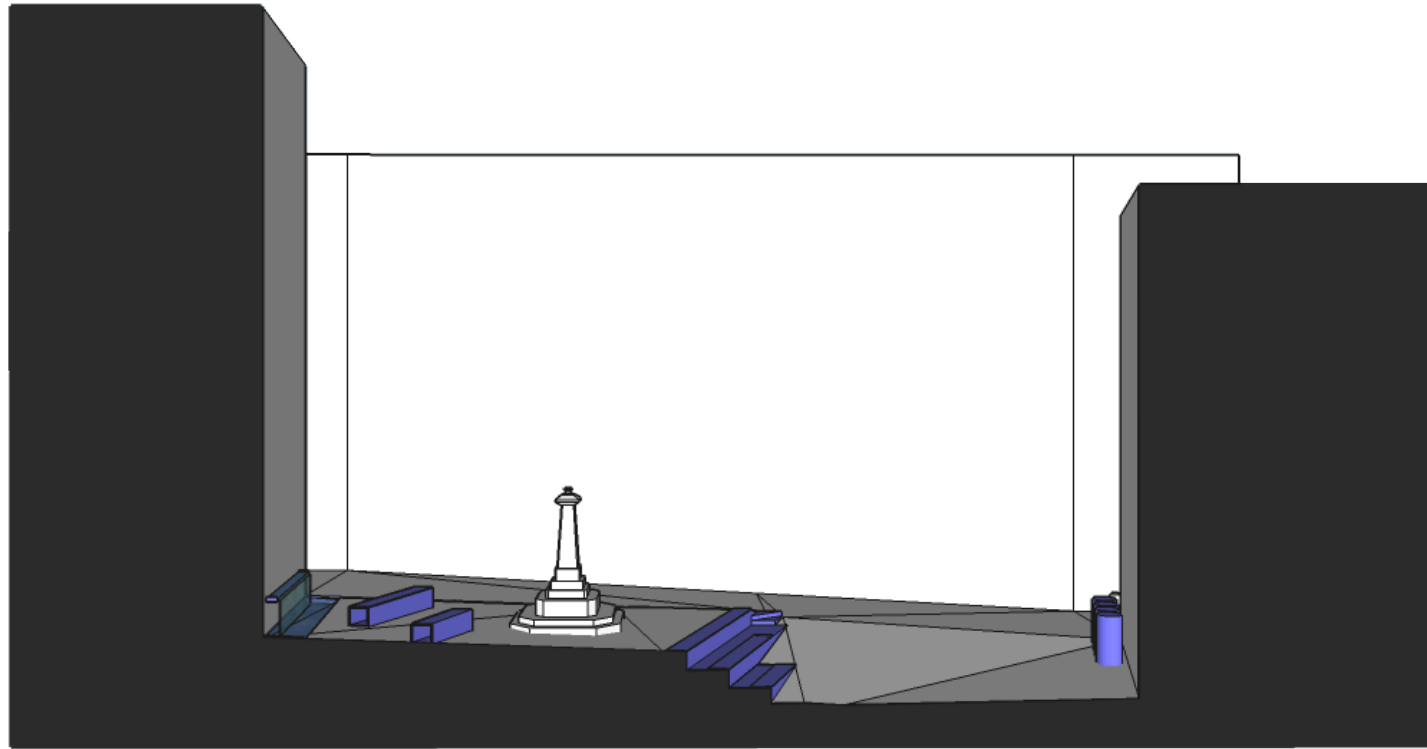


AS BUILT



PROJETO





4. FAZENDINHA BAIRRO JARDIM COLOMBO, SÃO PAULO, BRASIL

4.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR

O Jardim Colombo é um bairro da zona oeste da cidade de São Paulo, na região Sudeste do Brasil. Este bairro é parte do complexo de Paraisópolis. Ao Norte do Bairro temos a Avenida Giovanni Gronchi¹⁷, importante via de ligação com a região de Santo Amaro. O Jardim Colombo é uma área densamente ocupada, onde moradias com menos de 20 metros quadrados não são incomuns e muitas construções alcançam mais de quatro pavimentos. O bairro, hoje, tem cerca de 15 mil moradores, mas quase nenhum deles tem propriedade formal sobre a sua casa, nem mesmo aqueles que vivem lá desde a década de 1970, quando começou a ocupação.

A área fica perto do Cemitério Gethsêmani¹⁸, o primeiro a seguir o padrão de cemitério-jardim no Brasil e que foi inaugurado em 1965. A comunidade tem uma escala pequena, quase de cidade de interior, e isso se reflete nos encontros na rua, no comércio local que fazia a calçada e nas crianças brincando e correndo pelas vielas.

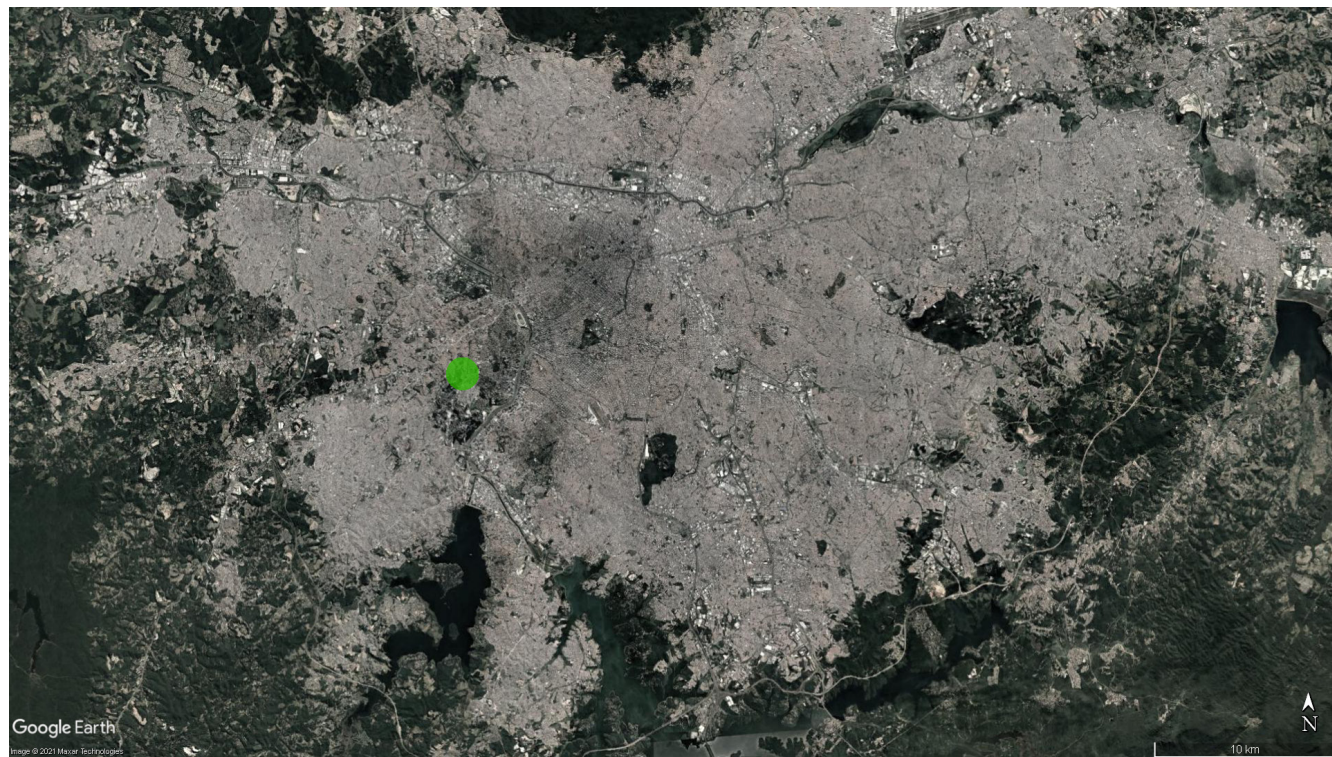
A comunidade possui um líder chamado Ivanildo, que está à frente da União de Moradores e centraliza uma rede de apoio e contato com o poder público, realizando eventos, cuidando da disseminação de informações sobre cuidados com a saúde, processos do poder público, registros, urbanização, limpeza, educação e prazos a serem cumpridos. Sua filha, Ester Carro, mestre em arquitetura, desde cedo atua ativamente na comunidade em diversas frentes.



SÃO PAULO, BRASIL

17 ¹⁷ localizado na imagem na página 58

18 ¹⁸ localizado na imagem na página 58



JARDIM COLOMBO, SÃO PAULO



FAZENDINHA, LOCALIZAÇÃO

Chegamos agora na “Fazendinha”, o local do projeto que escolhi para a tipologia da favela. De fato, já existe um projeto em curso de implementação para este espaço público: trata-se de converter em local de lazer uma área desocupada do bairro que, há cerca de 15 anos, vinha sendo utilizado como ponto de descarte de entulho e resíduos domésticos pela população.

Os primeiros mutirões de limpeza foram realizados em dezembro de 2017, e em julho de 2018 ocorreu o primeiro festival de arte e cultura da comunidade neste terreno, com shows, oficinas e apresentações. Desde então, diversas outras atividades têm sido realizadas ali, e a área está gradativamente sendo preparada pela comunidade para se tornar um local limpo e seguro para o convívio.

O mais importante nesse processo tem sido a mobilização e a conscientização da comunidade, já que os moradores começaram a se preocupar com o problema do lixo e do entulho. Nesse contexto, as lideranças passaram a dialogar com os serviços públicos para solucionar as deficiências na varrição e na coleta de resíduos do bairro, onde a coleta porta-a-porta não é possível, uma vez que ruas são demasiadamente estreitas para caminhões.

A remoção do lixo que estava no terreno deu destaque para as árvores do local, enquanto oficinas de horta comunitária têm resgatado o interesse dos moradores pela preservação do meio ambiente. A organização das partes mais planas do terreno em terraços e a instalação de bancos feitos com pallets reaproveitados incentivou o uso espontâneo do espaço pelos moradores do bairro.

Cabe mencionar que este terreno está localizado numa grande encosta, representando um desafio ao projeto que precisa lidar com este grande declive. Além disso, o espaço está totalmente rodeado de moradias que o definem e delimitam de uma forma muito precisa. Entre as casas, existem apenas algu-

mas pequenas interrupções que servem de entradas para o espaço público aberto.

Já existe uma escada de concreto ao longo de todo o lado norte desta área, ligando a parte mais baixa do lugar com o limite oeste do bairro Jardim Colombo. Até hoje esta parte mais baixa é também a mais vegetativa com arbustos, árvores e sombra. Por outro lado, a parte mais alta tem uma visão global de quase o todo o bairro e dos edifícios mais altos que estão localizados fora dele, tornando este local um ponto de observação que funciona como um mirante.

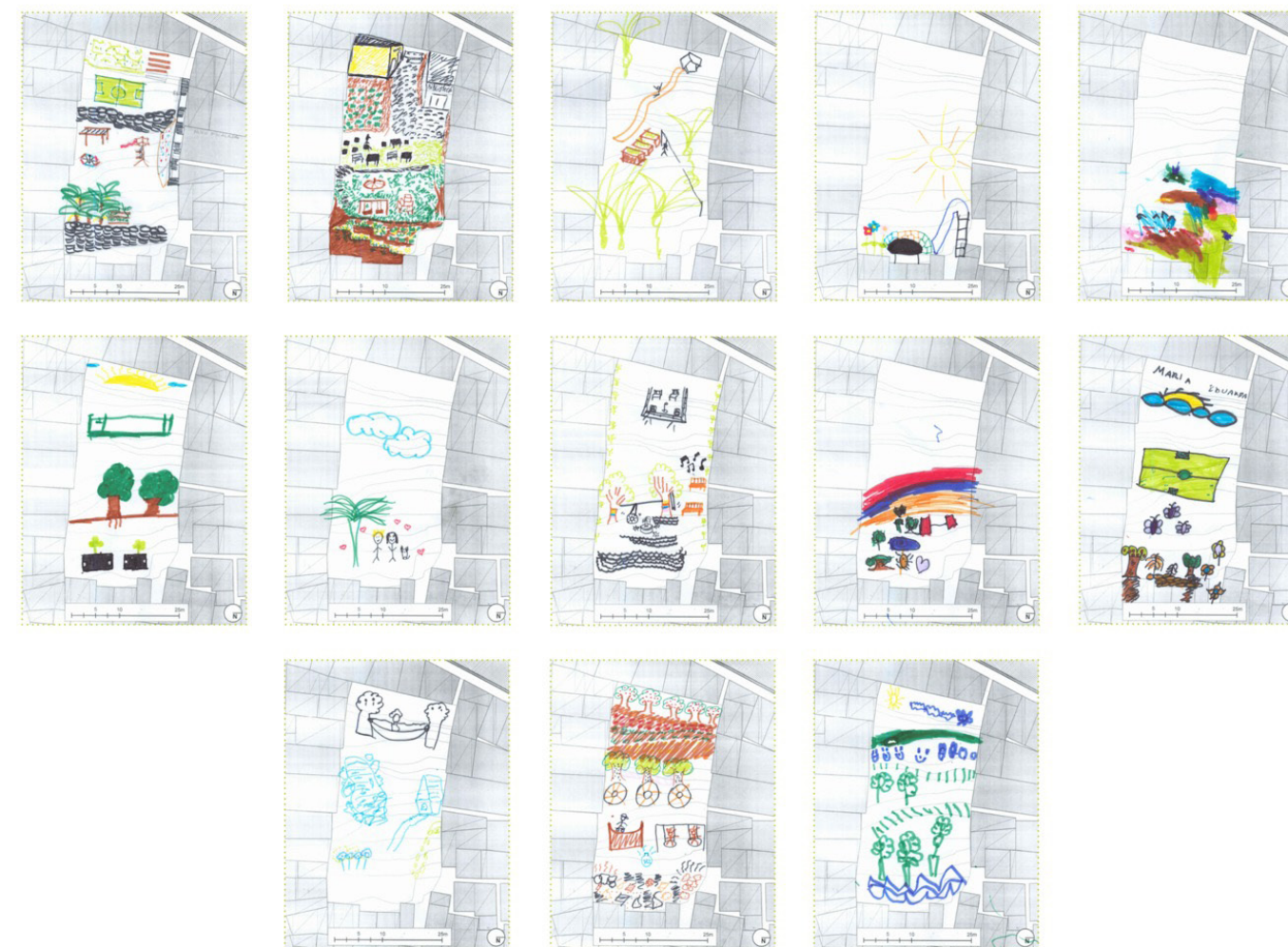
A partir deste pequeno e simbólico projeto nesta comunidade, vemos a prova cabal de que conscientização e ativismo comunitário são componentes fundamentais da vida contemporânea em espaços urbanos. É evidente que o engajamento dos moradores é o que faz este projeto funcionar neste momento.

Citando a antropóloga e ativista americana Jane Jacobs: “o engajamento cívico é o elemento de ligação para a formação do pacto social que define não apenas a cidade em que queremos viver, mas, e principalmente, a sociedade que queremos ser.”

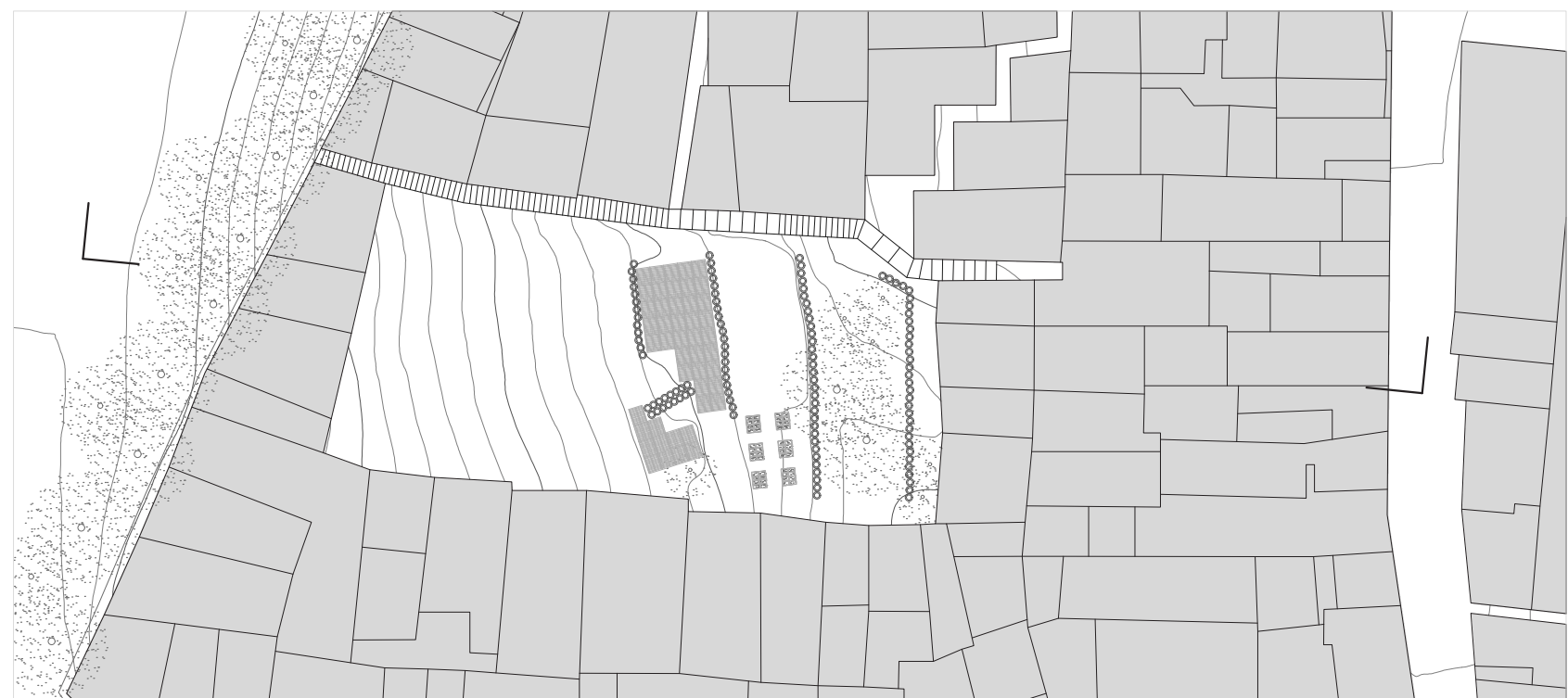




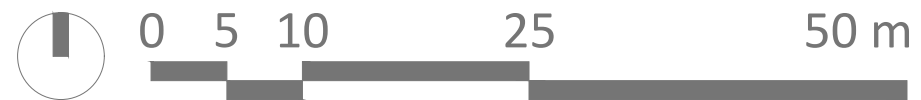
4.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO



DESENHOS DO PARQUE FEITO PELOS PARTICIPANTES DA OFICINA “FAZENDINHANDO”



AS BUILT



■ ÁREA TOTAL ESCAVADA: $7,20+7,37+18,58=33,15$ mq

■ ÁREA TOTAL REPORTADA: $8,84+24,38=33,22$ mq

ÁREA TOTAL ESCAVADA MENOS A ÁREA TOTAL REPORTADA: $33,15-33,22=-0,07$ mq

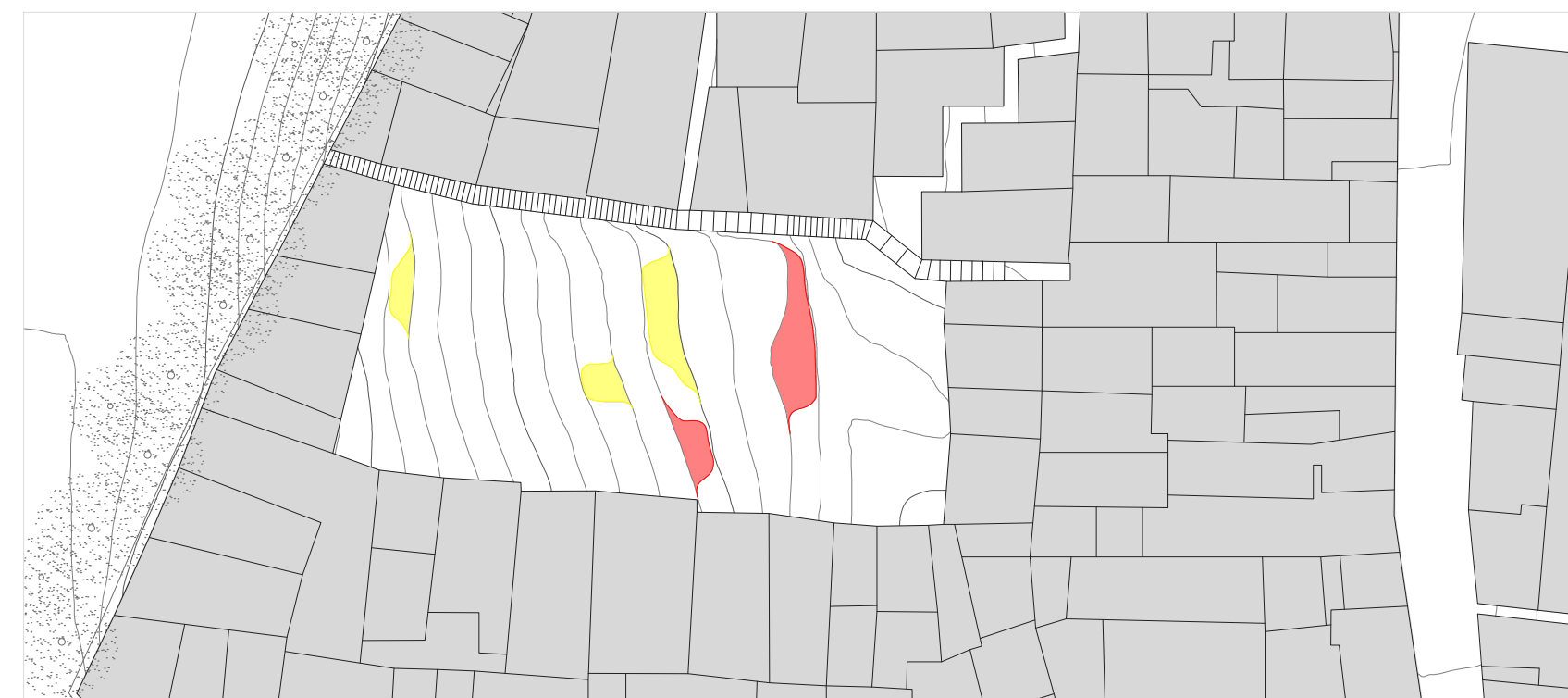
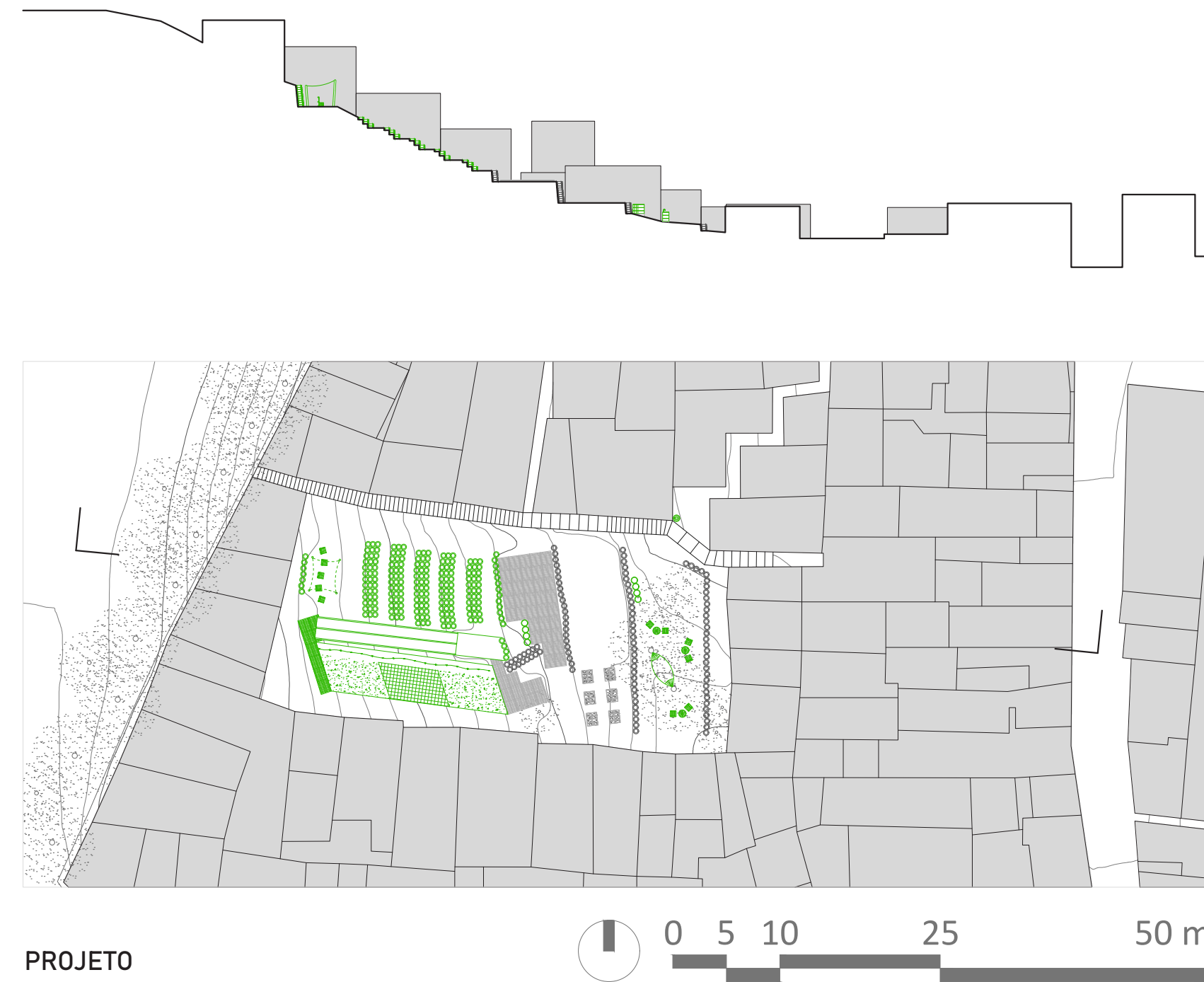
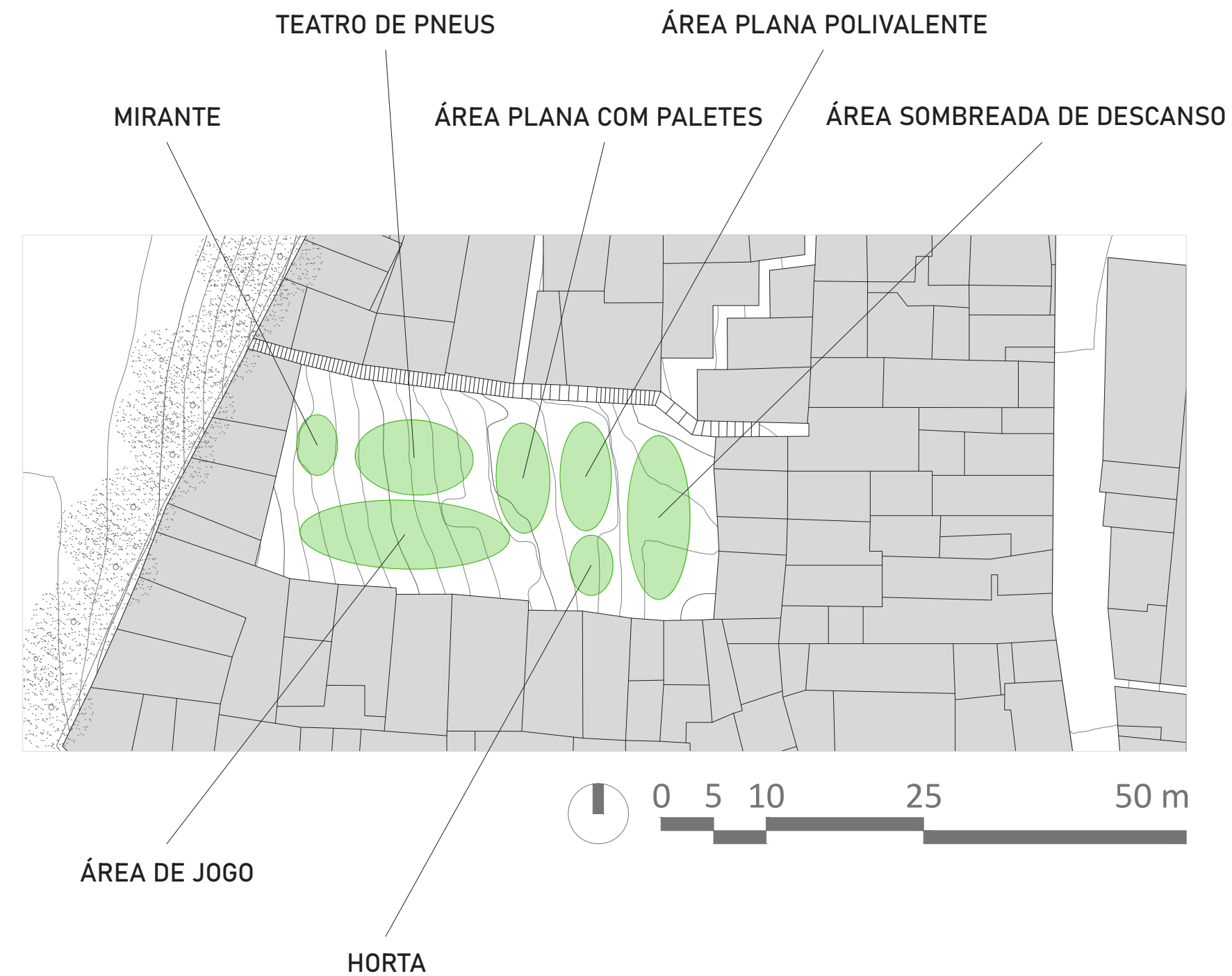


DIAGRAMA DE ESCAVAÇÃO E REPORTE





5. “LA PIASTRA” BAIRRO GRATOSOGLIO, MILÃO, ITÁLIA

5.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR

Gratosoglio é um bairro de uma antiga Paroquia de Milão, localizado na periferia sul da cidade, na região da Lombardia, norte da Itália. Outrora aldeia rural, foi então anexada ao Município de Milão em 1873, em contínua expansão e ampliação.

Originalmente uma vila com vocação agrícola, a partir do século XX tornou-se principalmente um bairro de habitação social que se desenvolveu em torno de um importante eixo central da cidade de Milão. Essa vocação mais recente se deve à forte demanda por habitação social devido à grande pressão migratória de trabalhadores que vinham das regiões do sul da Itália para trabalhar nas indústrias do Norte, durante a década de sessenta do século passado.

O bairro ainda hoje é caracterizado por numerosos espaços verdes, instalações desportivas de uso público e instalações escolares experimentais, com cantinas escolares, ginásios, piscinas e laboratórios. No entanto, ele sempre sofreu de vários problemas estruturais, como pavimento falso, ligações públicas precárias com o centro de Milão e falta de lojas de alimentos.

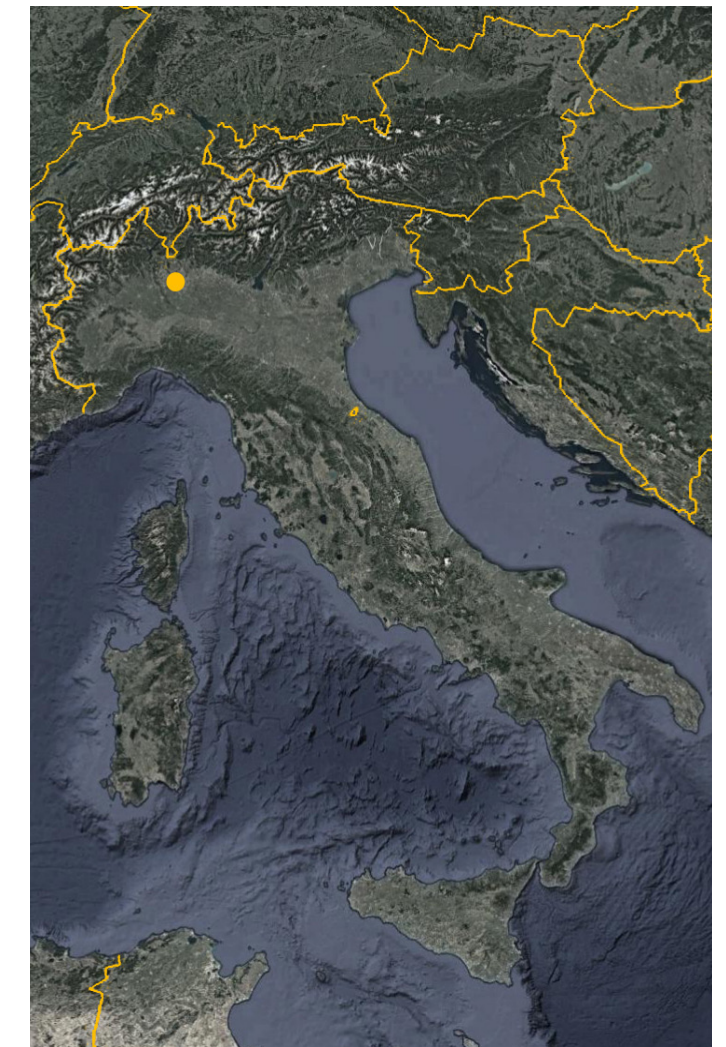
Gratosoglio é hoje considerado um típico bairro dormitório, marginalizado do resto da cidade e com um tecido social deteriorado.

Em termos de infraestrutura e transporte, este bairro está localizado próximo a uma importante artéria radial que liga Milão ao sul de sua cidade metropolitana. Não é servido por metrô nem por linhas férreas, no entanto, no bairro vizinho “*Chiesa Rossa*” existe uma estação de metrô da linha M2, uma das extremidades da chamada “*Linea verde*” (linha verde).

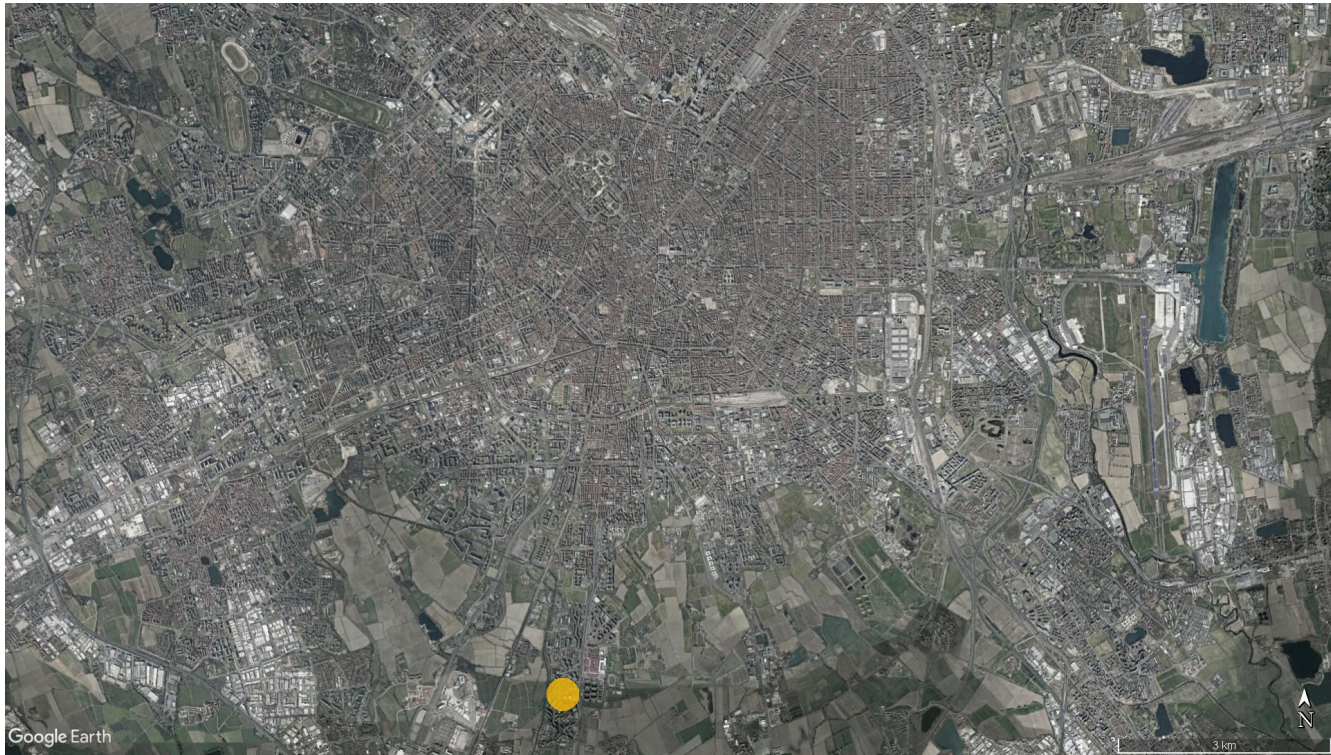
Finalmente, várias linhas de ônibus e duas linhas de bonde ligam Gratosoglio aos bairros vizinhos e, obviamente, ao centro de Milão.

Neste bairro, destaca-se a intervenção edilícia dos

anos setenta denominada “*Torri Bianche*”: 8 torres de 16 pisos, com 56 metros de altura, conhecidas como “*Torri Bianche*” projetadas pelo escritório de arquitetura BBPR e ainda hoje dominante na paisagem e no horizonte desta área de Milão.



MILÃO, ITÁLIA



GRATOSOGLIO, MILÃO



LA PIASTRA, LOCALIZAÇÃO

Tratemos, agora, da “*La Piastra*”, que é o lugar do subúrbio que escolhi para realizar o projeto. Na realidade, “*La Piastra*” não é o nome oficial deste espaço público, uma vez que ainda não foi atribuído um nome a este local. Portanto, trata-se de um nome informal supostamente dado pelos próprios moradores desta comunidade e provavelmente decorrente da impressão do visitante de estar sobre uma grande placa cinza. Esta “*praça*” sem nome é, na verdade, uma área elevada para pedestres entre os dois últimos pares das “*Torri Bianche*” localizadas ao sul do bairro.

A área sul de Gratosoglio é de fato, como explicado acima, principalmente residencial. Don Giovanni Salatino, sacerdote do bairro e responsável pela educação das crianças da comunidade explica que lá estão presentes cerca de 32 nacionalidades de imigrantes sendo que primeira, segunda e terceira gerações de italianos e imigrantes convivem nestes espaços.¹⁹ Há algum tempo ele vem trabalhando no entendimento de como recuperar a área que passa por dificuldades devido ao contexto de decadência urbana e social. De um lado, a classe burguesa, na parte norte de Gratosoglio, de outro, as camadas populares, localizada mais ao sul. Dois mundos que coexistem, mas têm dificuldade de se integrar. Como exemplo das diferenças desses dois lugares, Don Giovanni desta que os meninos do norte costumam ir mais longe nos estudos, ingressando no colégio e na universidade, o que não acontece com os jovens do sul. Infelizmente, essa discrepância parece estar aumentando, e não diminuindo.

Por ser uma área do bairro construída verticalmente, através das 8 torres com cerca de 56 metros de altura, existem muitos espaços abertos e verdes. A zona de elevada de pedestres está ligada, entre outras coisas,

à Igreja Matriz²⁰ do bairro, um edifício moderno rodeado por um parque público²¹ com parques e equipamentos infantis, além de uma pista de skate e zona canina. Para além da igreja e do parque, nos arredores desta praça, encontramos também um supermercado, uma escola primária²², um lar para idosos e outros serviços sociais para a comunidade. Se nos aproximarmos do espaço público real, encontramos outras atividades, que orbitam ao redor da praça, como um bar²³, a Cooperativa Social “*Lo Scrigno*”²⁴, e um local de atividades sociais para aposentados e idosos do bairro²⁵.

Além disso, entre as duas torres e ao lado da Igreja Matriz, encontramos também um edifício independente de dois pisos, onde está sediado um dos Centros Multifuncionais de Agregação²⁶ (CAM) de Milão. O edifício possui um amplo salão, uma sala equipada para funcionar como um estúdio de gravação e uma sala de ensaios. Vale notar que este Centro parece não ser usado há algum tempo.

Recentemente, este edifício foi o protagonista de uma intervenção de requalificação e “*embelezamento*” a partir de um mural que revela a arte de um conhecido artista de rua italiano chamado Frode. Este artista já havia participado de uma outra intervenção artística no mesmo lugar, dentro da praça “*La Piastra*”, chamada “*panchine culturali*”²⁷. Esta intervenção consistiu na pintura de dois bancos colocados perpendicularmente entre si, e com um significado simbólico de diálogo, regeneração urbana e renascimento.

Infelizmente, o CAM não é o único cômodo inutili-

19 Disponível em: <https://lampoonmagazine.com/gratosoglio-milano-riqualificazione-urbana/>, acesso em novembro de 2021.

20 localizado no desenho na página 71
21 localizado no desenho na página 71
22 localizado no desenho na página 71
23 localizado no desenho na página 72
24 localizado no desenho na página 72
25 localizado no desenho na página 72
26 localizado no desenho na página 72
27 localizado no desenho na página 72

zado ou vazio com vista direta para esta praça em Gratosoglio. Todos estes espaços poderiam ser aproveitados para dar vida a novas atividades ao bairro. Há pouco tempo, o município de Milão começou a colocar assentos adicionais dentro da praça, vasos pontuais plantados, duas mesas de pingue-pongue e alguns cestos de coleta de lixo. Sua administração prometeu que esta seria apenas o início de uma série de intervenções que seriam realizadas neste espaço público, cujo nome seria finalmente escolhido a partir de sondagem com a comunidade. A priori, “*Agorà delle Torri Bianche*” - um nome com grande significado que merece uma intervenção igualmente digna - parece ser o vencedor. “*Spero sia un abbaglio tutta questa oscurità*”²⁸, diz uma frase escrita na base de uma das torres, talvez por algum menino da vizinhança. Quem sabe um projeto urbano bem executado e comprometido por parte da administração municipal poderiam ser a tão esperada “*luz*” dos moradores deste bairro?



28 Tradução livre: “*Espero que toda essa escuridão seja um erro*”.

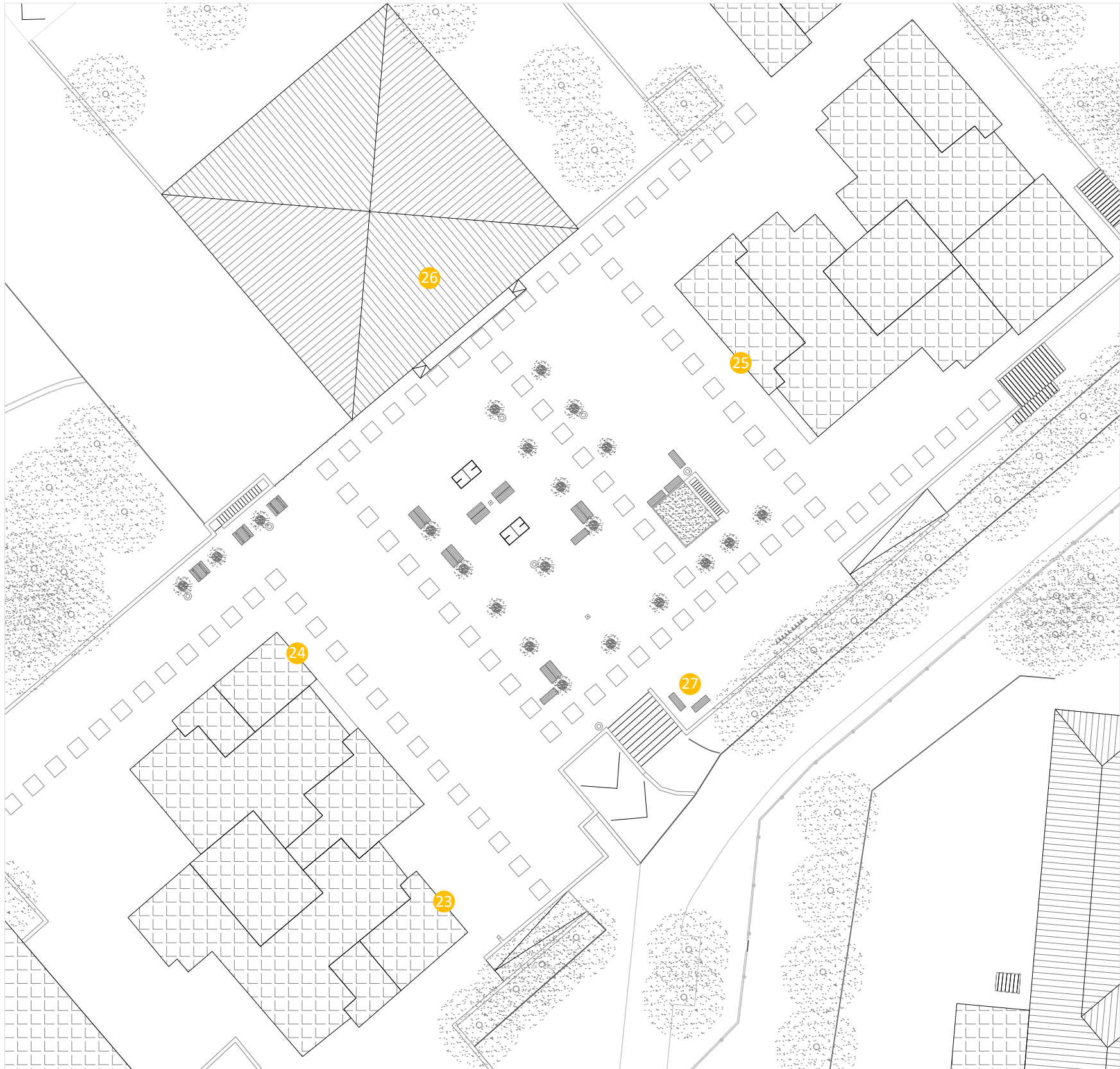


5.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO

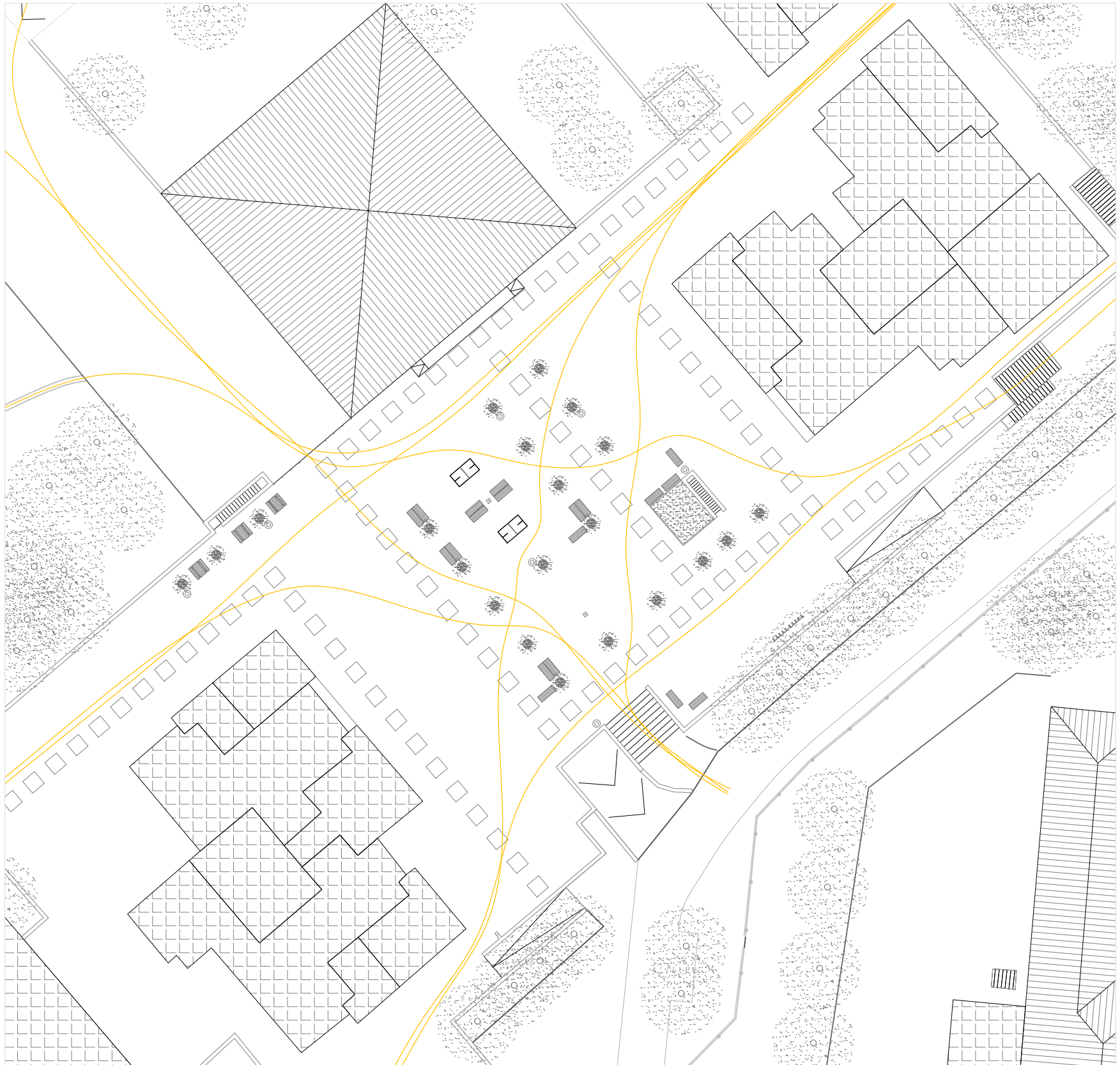


VISTA GERAL DO SÍTIO

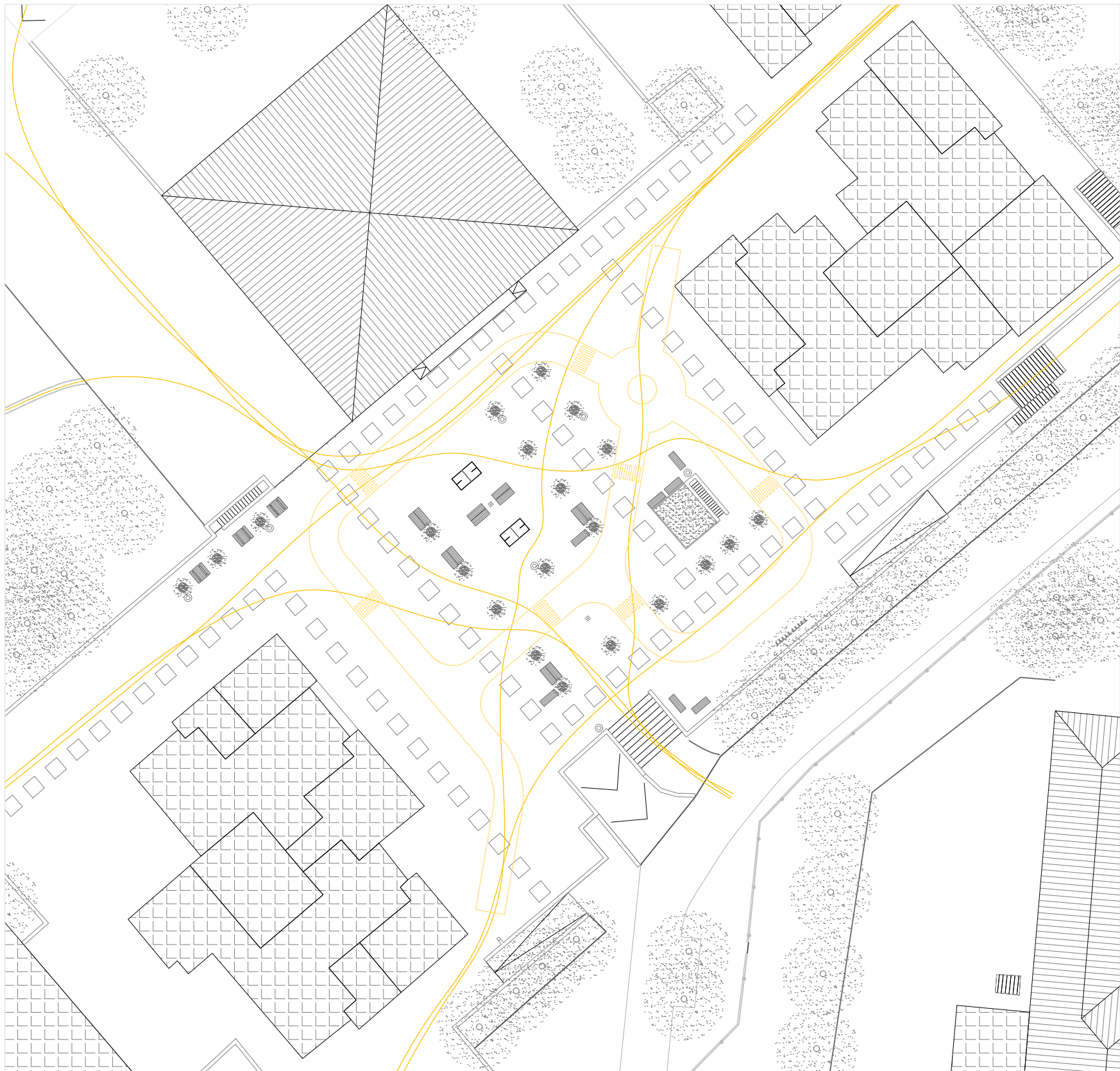




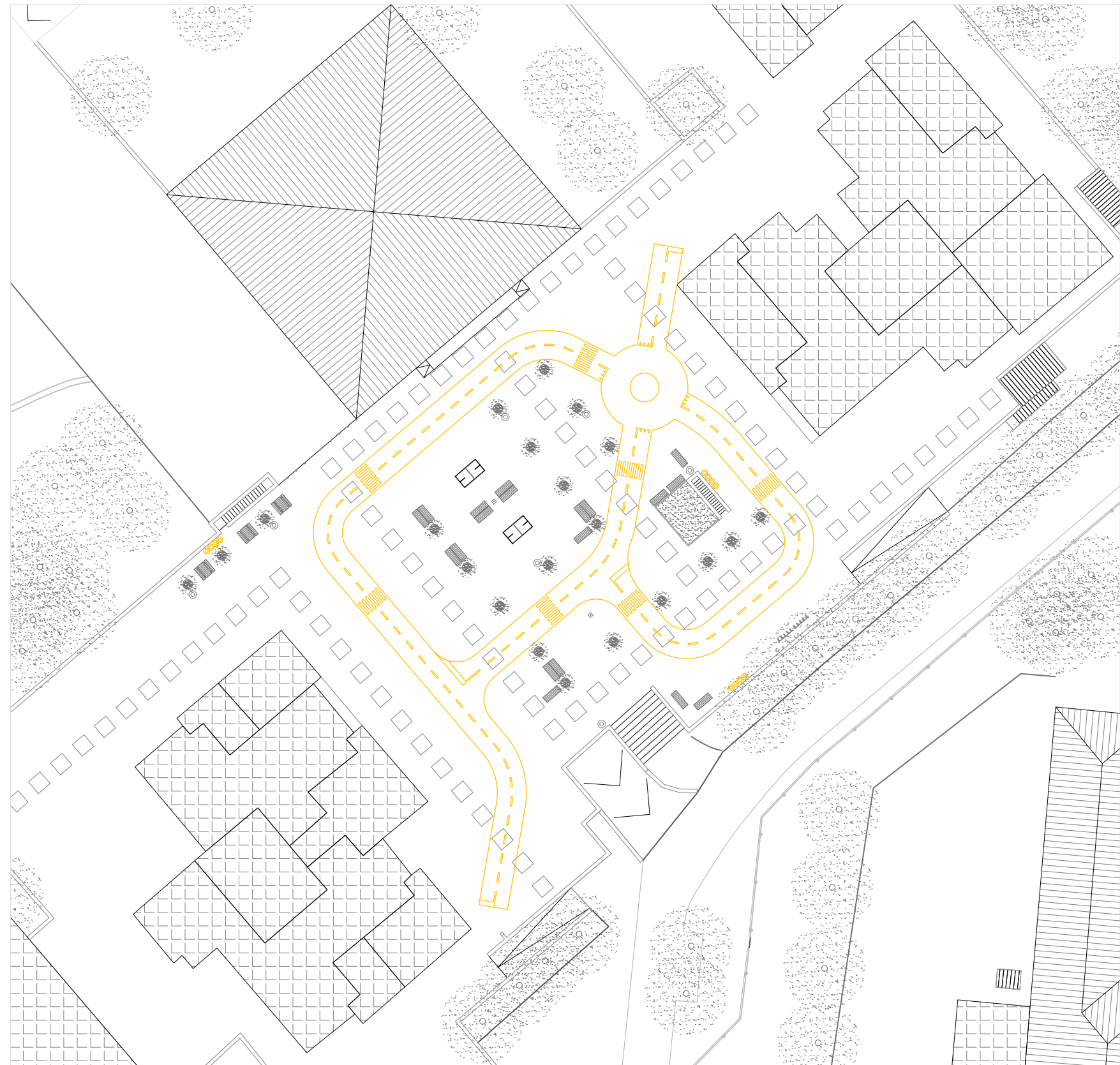
AS BUILT



FLUXOS DO SÍTIO



CRUZAMENTOS DO SÍTIO



PROJETO



6. OCUPAÇÃO 9 DE JULHO, SÃO PAULO, BRASIL

6.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR

A ocupação 9 de Julho é uma das ocupações do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) que se estabeleceu na cidade de São Paulo, na região Sudeste do Brasil. Esta ocupação é situada entre o Barrio Bela Vista e Consolação e o seu prédio é considerado, hoje, um marco na luta por moradia social no Centro e um importante ponto cultural da cidade.

O Movimento Sem-Teto do Centro luta pelo direito fundamental da moradia atendendo mais de duas mil pessoas, entre adultos, crianças e jovens.

Na atualidade, no Brasil, há 33 milhões de pessoas sem moradia, segundo este Movimento. Por outro lado, o MSTC estima que na cidade de São Paulo existem mais de 1.300 imóveis ociosos que estão abandonados e subtilizados ou terrenos sem edificações, que equivalem a dois milhões de metros quadrados sem uso.

A estimativa da prefeitura é que 20 mil pessoas estejam vivendo em situação de rua na cidade, 60% só na região central, onde está localizado este prédio. O edifício da ocupação 9 de julho foi inaugurado em 1943 como sede do Instituto de Aposentadoria e Pensões (IAP) e no começo tinha uso misto. Em 1970 este prédio foi esvaziado pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) para sediar, exclusivamente, a repartição pública. Em novembro de 1997, algumas pessoas ocuparam o edifício localizado na Rua Álvaro de Carvalho até 2004, quando foi desocupado, devido a uma promessa de reforma. No mesmo ano, o prédio atingiu um incêndio.

No ano seguinte, em 2005, o edifício teve uma segunda ocupação, mas com duração de apenas 17 horas. Em 2007 foi ocupado pela terceira vez junto com outros dois edifícios do centro da cidade.

Citando as palavras de Carmen Silva, coordenadora de 59 anos do MSTC: “A partir de sua ocupação, o

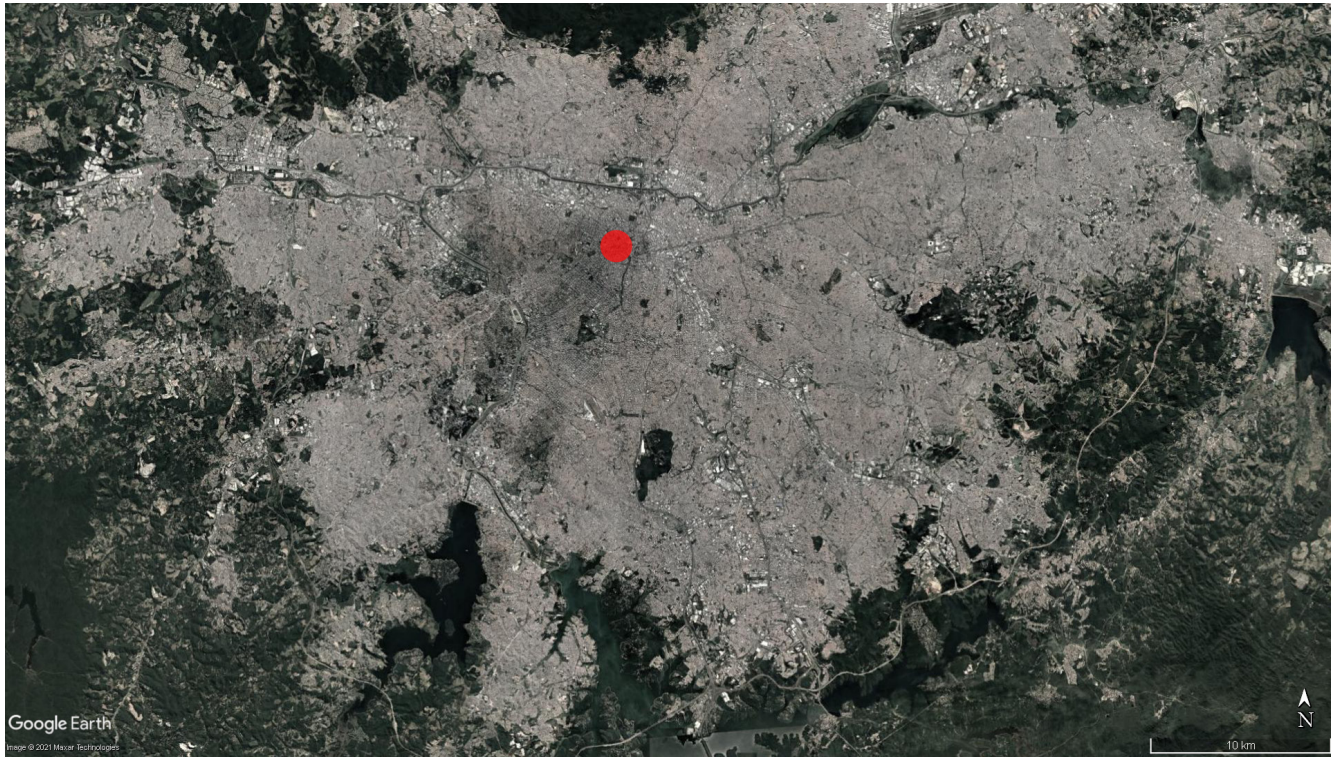
movimento e o município negociaram um projeto de habitação social. A Arquitetura Ambiente foi designada em 2006 para projetar sua reconversão. Os investidores nunca foram encontrados e a transição nunca foi feita.”

Em 28 outubro de 2016 teve a quarta (e atual) ocupação do edifício em uma ação chamada “*Outubro Vermelho*” na qual foram realizadas dez ocupações simultâneas no centro de São Paulo.

Nos últimos cinco anos este lugar foi sítio de numerosas exposições e atividades, entre elas, a Cozinha 9 de Julho que, no domingo, abre a ocupação para os visitantes dando a possibilidade de almoçar no interior desse lugar e conhecer esta importante realidade em São Paulo.



SÃO PAULO, BRASIL



OCUPAÇÃO 9 DE JULHO, SÃO PAULO



OCUPAÇÃO 9 DE JULHO, LOCALIZAÇÃO

Falando um pouco sobre o movimento, ele nasceu em 2000 e foi fundado pelas mulheres líderes desta e de outras ocupações que se uniram para mobilizar e organizar famílias sem moradia.

Atualmente, o Movimento Sem-Teto do Centro coordena cinco ocupações e um empreendimento. As ocupações são: José Bonifácio, com 100 famílias, Casarão, com 24 famílias, 9 de Julho, com 123 famílias, Rio Branco, com 30 famílias e São Francisco, também com 30 famílias.

O Residencial Cambridge, que foi uma ocupação, é agora um empreendimento.

O movimento é formalizado, tem Estatuto e regimento interno registrados em cartório e as decisões são debatidas e aprovadas em assembleia.

Todas as ocupações são abertas à cidade e a 9 de Julho é considerada, hoje, um centro cultural, com shows, debates, exposições e almoços abertos um domingo por mês.

O MSTC empreendeu esforços para a valorização deste prédio, acondicionando os espaços às necessidades dos moradores, ao cumprimento da normativa vigente e também para cursos de formação em ofícios.

A Ocupação 9 de Julho atualmente abriga 128 famílias, totalizando 344 pessoas sendo 145 crianças em idade escolar.

Entre os moradores existe também uma variedade de origem. Cerca de 90% deles são brasileiros, dentre os quais 58% paulistanos. Já entre os 10% dos moradores estrangeiros, 78% possuem origem africana. Este movimento baseia-se em valores que combatem o racismo, a homofobia e o sexismo, procurando a liberdade em si mesmo, sendo acessível e escutando as necessidades de todos.

Sempre citando as palavras de Carmen Silva, líder do MSTC: *“A luta pela vida digna: moradia com saúde, com educação, com cultura, com lazer; essa é a luta da ocupação 9 de Julho, sub o comando feminino.”*

Além das habitações que contêm todas as pessoas e famílias deste movimento, existem numerosos espaços públicos dentro do edifício da ocupação 9 de Julho, incluindo: uma sala multiuso, um brechó, uma marcenaria, uma cozinha coletiva com refeitório, uma sala de Convivência, uma biblioteca e brinquedoteca e, enfim, uma galeria.

Existem também espaços exteriores ao redor do edifício já consolidados e utilizados dentro da ocupação, entre os quais: uma quadra²⁹, um quadrado³⁰, uma horta³¹ e um espaço de estacionamento³².

A quadra e o quadrado são espaços abertos destinados a atividades esportivas e recreação, principalmente para crianças e adolescentes moradores da ocupação e entorno. São realizadas também oficinas, ensaios, reuniões, palestras, rodas de conversa, sessões de cinema, shows e aulas públicas nestes espaços.

A horta, em desenvolvimento desde 2017, é voltada ao manejo do espaço e práticas de sustentabilidade. Este espaço também abriga atividades para crianças e oficinas de conscientização ambiental e gestão de resíduos.

O espaço de estacionamento, enfim, além de ter os carros, abriga as atividades de grande proporção como festas, festivais e atividades coletivas voltadas para o público externo.

Estes espaços principais ao redor do edifício têm, todos, uma vocação específica. Contudo, como vimos são espaços muito flexíveis com grande variedade de atividades dentro deles.

29 ²⁹ localizado no desenho na página 82

30 ³⁰ localizado no desenho na página 82

31 ³¹ localizado no desenho na página 82

32 ³² localizado no desenho na página 82

O espaço exterior está também equipado com duas entradas opostas, uma para pedestres na Rua Álvaro-de Carvalho³³, e uma para veículos na Avenida Nove de Julho³⁴. Entre estas duas entradas existe uma diferença considerável em altura devido à conformação geográfica desta área; a altitude entre elas é de aproximadamente 13 metros.



Isto levou à criação de soluções das diferenças de nível existentes, incluindo escadas e rampas. O espaço exterior tem também uma grande conotação vegetativa dada pelas numerosas plantas e arbustos presentes, que sombreiam quase completamente toda a área.

O trabalho dos ocupantes, através das oficinas, tornou possível equipar estes espaços com jardineiras criadas pela reciclagem de sanitários e pneus não utilizados, e com assentos também criados pela união de pneus de carros.

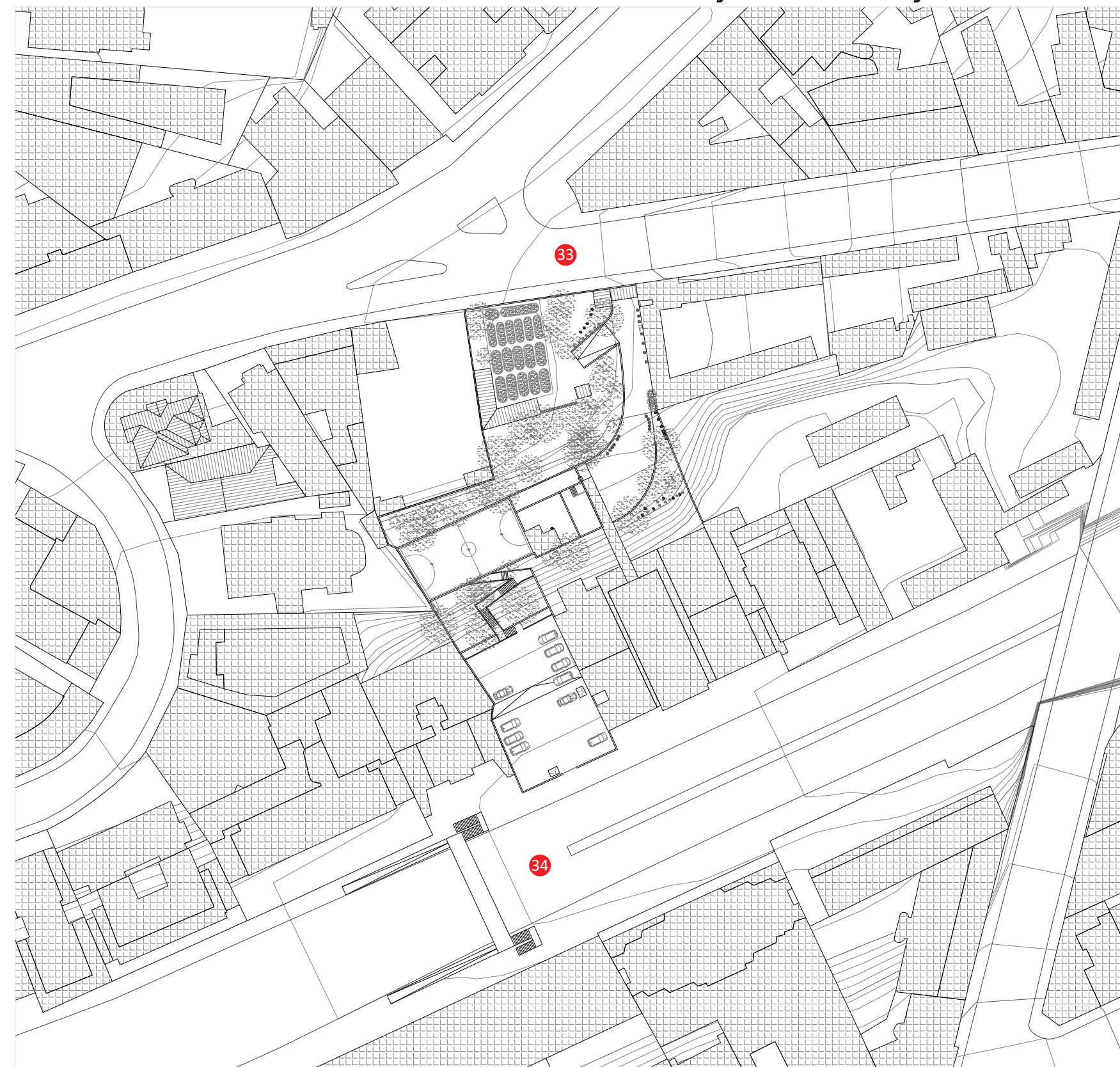
Além da grande atenção dada às atividades, especialmente para as crianças, as diferenças de nível destes espaços criam pontos de perigo sem a proteção necessária. Na minha opinião, esta condição deveria ser reconsiderada a fim de tornar este lugar privado mais seguro, sobretudo porque ele é muitas vezes aberto a pessoas externas tendo uma grande vocação pública.

No entanto, encontrei um conjunto de espaços bem organizados dentro deste lugar e é evidente que por detrás da Ocupação 9 de Julho havido muito trabalho e cuidado por parte de seus moradores. Creio, contudo, que ainda existem partes que não estão totalmente desenvolvidas com grande potencial a ser explorado através de um processo adicional de concepção e planeamento urbano.



33  localizado no desenho na página 81
34  localizado no desenho na página 81

6.2 PROJECTO DE POTENCIALIZAÇÃO DO ESPAÇO



VISTA GERAL DO SÍTIO







CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O projeto ideal não existe, a cada projeto existe a oportunidade de realizar uma aproximação.”

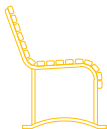
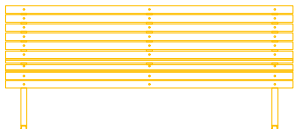
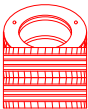
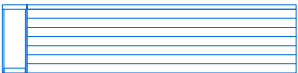
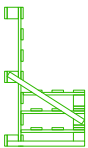
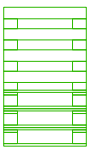
Paulo Mendes da Rocha

A qualidade dos espaços públicos urbanos certamente afeta a qualidade de vida de seus cidadãos e seu bem-estar. Certamente há espaços públicos capazes de atrair grande número de pessoas, apresentando-lhes atrativos para passarem algum tempo no seu interior. Mas, excetuando-se esses raros casos específicos, há muitos espaços sem um papel real de protagonismo no interior de nossas cidades, que na minha opinião ainda podem desempenhar uma função importante, mesmo estando à margem. São estes os lugares para os cidadãos, especialmente os da vizinhança, que têm uma relevância cotidiana em seu uso. Espaços geralmente simples, mas que requerem grande atenção aos detalhes e cuidados particulares que os tornam especiais aos olhos de seus usuários. Estas eram as diretrizes das minhas escolhas de intervenção, independentemente de qual lugar eu estava planejando naquele momento. A caracterização então ocorreu tentando, em primeiro lugar, entender melhor as necessidades e exigências daqueles que realmente vivem cotidianamente esses quatro espaços. Cada lugar me sugeriu possíveis usos e potencialidades diante do contexto atual, que pude ver e viver, embora por um período muito curto. Os elementos selecionados na primeira parte deste trabalho, alguns já existentes no local e outros não, serviram-me como diretrizes para minhas intervenções. Em cada espaço público, porém, ocorreram caracte-

rização e materialização diferentes dos mesmos elementos, dependendo da situação econômica, social e cultural do local do projeto. Um esforço de compreensão e identificação com as pessoas com quem cruzei e avistei no interior desses locais para tentar capturar o máximo possível sua experiência cotidiana. Acredito, mesmo, que somente com um projeto que envolva a população nas operações anteriormente à intervenção seria possível compreender, efetivamente, suas reais necessidades. Acredito que esses foram os ingredientes úteis para a realização dos quatro projetos experimentais e considero-os o melhor processo para realizar o design de um espaço urbano funcional para seus usuários. É interessante notar como o mesmo elemento é usado em cada lugar de forma tão distinta, mas isso o torna tão específico e tão pessoal a ponto de torná-lo único. Isso enfatiza novamente o debate da arquitetura entre sua singularidade e caracterização, e seu uso contrastante em séries decorrentes da globalização. No entanto, o que mais acredito que esse trabalho tenha trazido à tona é que na ausência de um pacto considerado fundamental – como o das administrações assumirem a responsabilidade de gestão e manutenção de um espaço público urbano em relação aos seus cidadãos –, alguns desses casos demonstram que ainda podem funcionar e iniciar processos de melhoria e potencialização. Certamente a autogestão e o interesse por parte dos habitantes não é suficiente para obter resultados excelentes; daí a importância de um profissional como o arquiteto que pode ajudar desse ponto de vista. Mas é a união das duas partes, o profissional e os habitantes destes locais, que pode dar conta de cuidar e recuperar esses espaços públicos urbanos esquecidos e marginalizados dentro de nossas sociedades.

Ingredientes fundamentais para isso são a força de vontade, o comprometimento e a constância, além de uma boa dose de criatividade e perseverança. Em conclusão, acredito, portanto, que a existência e o sucesso de um espaço público não possam ser separados do componente humano que o habita. Os próprios cidadãos são potencialmente os principais guardiões dos lugares públicos em que habitam e em relação aos quais têm o desejo de se sentirem representados. Se os locais públicos forem capazes de satisfazer esse desejo de representar seus habitantes, acredito que as possibilidades de bem-estar geral dos cidadãos poderão aumentar. E se o bem-estar aumentar no interior de nossas cidades, talvez a qualidade de nossa vida aumente como consequência.

DIFERENTES CONOTAÇÕES DO BANCO



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Paul Zucker, *Town and Square: From the Agora to the Village Green*, Columbia University Press, New York; 1 de dezembro de 1959.

Paul D. Spreiregen, *Compendio de Arquitectura Urbana*, Gustavo Gili, 1 de janeiro de 1971.

Julio Plaza, *Tradução intersemiótica*, Editora Perspectiva, São Paulo; 1ª edição, 2003.

Luiz Eduardo Soares, MV Bill, Celso Athayde; *Cabeça De Porco*, Objetiva, 1 de janeiro de 2005.

Dina Nencini, *La piazza. Significati e ragioni nell'architettura italiana*, Marinotti, Milão; 20 de setembro de 2012.

Instituto Bardi / Casa de Vidro, *Lina Bo Bardi*, Romano Guerra Editora, São Paulo; 5ª edição, 2018.

Julián Fuks, *A ocupação*, Companhia das Letras, 1 de dezembro de 2019.

Camillo Sitte, *L'arte di costruire le città*, Jaca Book, Milão; 2ª edição, fevereiro de 2020.

A bibliografia não é sistemática, mas inclui uma seleção de textos considerados particularmente significativos, muitos dos quais são acompanhados por indicações bibliográficas completas.

UMA,
NENHUMA,
CEM MIL
PRAÇAS

